

O PRIMEIRO SÉCULO DE REGISTRO DA LÍNGUA KAINGANG (1842-1950): VALOR E USO DA DOCUMENTAÇÃO ETNOGRÁFICA

(The first century of Kaingang language's registries (1842-1950):
value and use of ethnographic documentation)¹



Wilmar da Rocha D'Angelis²

Abstract: *Between 1842 and 1950 one relates more than 40 publications with important data from the Kaingang language, a singular situation among the Brazilian indigenous languages. In this text, the author emphasizes the significance of using this kind of documentation for the comprehension about the history of the Indian societies and their languages.*

Keywords: *Indian Languages; Kaingang; Documentation; Bibliography*

Introdução

Lançada em maio de 2002 pelo Departamento de Lingüística do IEL-Unicamp, a primeira *Bibliografia das Línguas Macro-Jê*³ relaciona mais de 760 registros. Daquele total, cerca de 160 são referentes aos Kaingang (21%), metade dos quais produzidos nos últimos 30 anos⁴. Se excluirmos daquela *Bibliografia* as referências gerais a línguas Macro-Jê e todas as referências a línguas não-Jê, resta um total de cerca de 370 registros específicos de línguas Jê, dos quais o Kaingang é responsável por mais de 40% das referências!

Mas o interesse pela língua Kaingang e seu registro por viajantes, pesquisadores, missionários e lingüistas não é recente. O primeiro registro publicado data de 1842 (Chagas Lima) e os primeiros vocabulários, de 1851 (Saint-Hilaire). Apenas no primeiro século a partir da publicação pioneira (entre o ano de 1842 e o ano de 1950) foram mais de 40 registros publicados sobre essa língua.⁵ No presente texto apresento uma informação crítica daquelas publicações. Este artigo inaugura uma série de trabalhos de leitura crítica da bibliografia Kaingang e Xokleng – por tópicos temáticos – que, oportunamente, deverá ser reunida em uma publicação unificada⁶, ao estilo da *Bibliografia Crítica* de Baldus (1954).

¹ Originalmente preparado e apresentado, sinteticamente, como conferência de encerramento do 3º Encontro Macro-Jê (Brasília, LALI-UnB, 3 a 6 de dezembro de 2003).

² Professor do Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), UNICAMP.

³ Versão experimental. Cf. D'Angelis, Cunha & Rodrigues (2002).

⁴ Incluídas as publicações missionárias e materiais didáticos.

⁵ Só há 6 línguas, naquela *Bibliografia*, com um total de registros superior a 40 (incluídos materiais inéditos), das quais, apenas duas língua Jê (além do Kaingang): o Apinayé e o Kayapó.

⁶ O autor deste texto foi um dos responsáveis pelo conteúdo da *Bibliografia Kaingang: referências sobre um povo Jê do Sul do Brasil* (cf. Noelli et al. 1998). Como trabalhos de revisão bibliográfica especificamente acerca dos Kaingang registram-se apenas o de Veiga (1992), *Revisão Bibliográfica Crítica sobre Organização Social Kaingang*, e o inédito *Revisão Bibliográfica sobre Fonologia Kaingang* (D'Angelis 1992).

1. Uma palavra sobre o século XVI

O título desse trabalho propõe uma revisão do “primeiro século de registro da língua Kaingang”. No tópico anterior, no entanto, deliberadamente referi-me a registros “publicados” e a Chagas Lima (1842) como o primeiro deles. Com isso evita-se cometer injustiça com pelo menos um registro bastante anterior, em documentação manuscrita, muito embora o mais provável é que se tratasse de um grupo Xokleng, estreitamente aparentado com os Kaingang⁷. Refiro-me ao registro de uma expressão e uma frase na língua indígena como falada, então, no Paraná, com a respectiva tradução, anotada pelo missionário jesuíta Padre Antonio Ruiz de Montoya, em uma carta ânua de 1630, na seguinte passagem em que descreve os rituais “Gualachos” de cremação dos mortos:

“... *buscan mucha miel y hacen mucho vino y combidan a todos los del pueblo para embiar el alma del difunto al çielo y para esto se van al monte y hacen unas buenas cargas de leña y la traen corriendo con muchas trompetas y greteria a casa del caciq̃ adonde estan todos juntos yndios y yndias, y de alli salen corriendo diçiendo todas estas palabras rica rica tapa tapa q̃ quiere deçir sube sube del campo, y luego se pegan fuego, diçiendo n̄yĩ chĩ cãy catũ taplĩ. humo negro sube al çielo, dando grandes voçes todos al tiempo q̃ se quema y si el humo sube derecho diçen q̃ va su alma al çielo, y si se espase diçen q̃ se queda alli.*” (Montoya [1630] 1951:347)⁸.

Teria havido, mas perdeu-se (talvez para sempre) um catecismo e outros materiais catequéticos na língua, preparados pelo próprio Montoya – com ajuda de um Guarani que, vindo do Paranapanema, teve que ficar um tempo entre os “Gualachos” reduzidos pelos jesuítas⁹ – e uma gramática e vocabulário preparados pelo Padre Francisco Diaz Taño¹⁰, ambos na língua dos “Gualachos” da região do rio Piquiri (PR).

⁷ O termo “Xokleng” não é uma autodenominação, e o utilizo por duas razões de ordem prática: (i) é de uso amplo e antigo, o que permite um reconhecimento ou identificação direta da população a que se aplica, por parte dos pesquisadores; (ii) não sendo essa a autodenominação, não é seguro qual seria efetivamente a que se deveria aplicar, sendo que ultimamente essa população identifica-se como Laklanō. Nunca é demais lembrar que Jules Henry (1941) os chamou “Kaingang”, partindo da designação nativa para “homem”.

⁸ A primeira expressão, que Montoya traduz por ‘*sube, sube del campo*’ pode ser interpretada como “re kã ta pa = campo-dentro --- sair (ou: campo-dentro-por – sair). Já a oração completa é interpretada assim: *nijã sã kanhkã tãp̄ry = fumaça + preta + céu + subir*.

⁹ Escreveu Montoya que o mencionado Guarani “*aprendio la lengua mui bien*”, de modo que “*con ayuda deste hice Cathecismo brebe acomodado al tiempo de peste [varíola], confessionario, y despues de pasada la fuga hice un antebrebe*” (Montoya [1628] 1951:293).

¹⁰ Escreveu Montoya, falando da “*rreduçion de la concepçion de los gualachos*”: “*Ha estado en esta rreduçion el P.^e fran.^{co} diaz hasta agora q̃ fue en su lugar el P.^e diego de salazar, es esta Reduçion de diversa lengua de la guarani, aunq̃ no muy dificultosa a los q̃ saben la guarani. hiço el P.^e arte y vocabulario de ella y traduçieronse las oraciones y cathecismo y reçan en elia todos los dias*” (Montoya [1630] 1951:345).

2. O período de 1850 a 1900

2.1. CHAGAS LIMA 1842

A primeira publicação que traz informação sobre a língua Kaingang é a da *Memória sobre o descobrimento e colônia de Guarapuava*, escrita pelo Padre Francisco das Chagas Lima, capelão da Real Expedição de conquista de Guarapuava. Chagas Lima a escreveu no ano em que deixava Guarapuava (1827), após 17 anos na função, quinze dos quais em contato direto e freqüente com os índios¹¹. O manuscrito foi oferecido ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro por um sócio honorário, provavelmente depois da morte do autor, e publicado no seu tomo IV.

No capítulo II o Padre Chagas Lima dá informações sobre a língua dos *Camés e Votorões* (que, segundo diz, “*são os que se encontravam na vizinhança dos campos, quando se formou a aldeia*”¹²). Apesar do engano de dizer que “*o idioma de que usam os Índios nascidos em Guarapuava, e dos que habitam no prolongado sertão e matos entre o rio Paraná e a estrada geral de Itapetininga para o Sul, não é outro senão o Guarany*” (p. 53), Chagas Lima demonstra conhecimento da língua, dando informações de sua sintaxe¹³. Ao longo do texto (e principalmente das páginas 53 e 54, em que trata especificamente do idioma), vão transcritas várias palavras em Kaingang, não deixando dúvidas sobre a língua em questão. O missionário chega a apresentar uma conjugação de um verbo (*Có, comer*). Ao longo de toda a *Memória* contam-se cerca de 30 palavras Kaingang, 16 nomes próprios (incluídos os nomes dos grupos e subgrupos) e uma frase (p. 48, nota de rodapé).

2.2. SAINT-HILAIRE 1851

Inauguram a publicação de vocabulários Kaingang os dois conjuntos de termos coligidos por Auguste de Saint-Hilaire no ano de 1820, em viagem ao Sul do Brasil (cuja publicação se deu na França, em 1851, vários anos após o retorno daquele viajante¹⁴).

O primeiro vocabulário reúne 31 itens lexicais colhidos por Saint-Hilaire junto a um “*jovem guanhanã*”, prisioneiro de um fazendeiro da região de Itapeva (SP), em 1820 (Saint-Hilaire [1851] 1976:226-227)¹⁵.

Chama a atenção que o primeiro termo da lista seja, em Português, *Deus*, e receba do

¹¹ A “*Memória*” data de 1827 e é um balanço geral de todo o trabalho do Padre Chagas Lima em Guarapuava, quando se retirava de lá para sua aposentadoria, após 41 anos de serviço ao Bispado de São Paulo (cf. Lima 1842:62).

¹² Lima (1842:52).

¹³ Parece estranho que não se ocupe de redigir um vocabulário, mas disso trataremos adiante.

¹⁴ O tempo de permanência de Saint-Hilaire no Brasil foi de 1816 a 1822.

¹⁵ Na edição francesa original, essa lista aparece no Tomo I, p.456s .

“*Guanhanã*” a tradução “*Tupé*”, uma vez que têm sido amplamente aceito que o termo *Tupé* é empréstimo tomado ao Guaraní e, muito provavelmente, por meio dos próprios jesuítas que missionaram os Kaingang no Paraná (no Piquiri e, provavelmente, no médio Tibagi) e no Rio Grande do Sul (na região do atual Passo Fundo), entre o início da década de 1610 e o início da década de 1630. Outra coisa que chama a atenção nesse vocabulário é a terminação “*ve*” ao final de um grande número de palavras (de partes do corpo humano a nomes de frutas, animais ou plantas). Trata-se de uma partícula afirmativa “*vẽ*”¹⁶, que permitiria traduzir (tomando um exemplo do vocabulário) “*Dove*” por “(isto) é (uma) *flecha*”.

Chamam a atenção, ainda: (i) vários termos diferentes dos que se encontram, hoje, correntes nos dialetos Kaingang, como o neologismo para *cavalo*, “*mingbagare*”, ou seja, *mĩg* + *mág* (*tigre grande*) ou o termo para *abóbora*, “*pacove*”; (ii) o nome para *anta*, principiado por *k* (“*Cojuru*”), quando nos dialetos do Sul do Brasil se pronuncia “*ójor*” ou “*ójoro*” (de fato, iniciando por uma oclusiva glotal); (iii) a presença de “*f*” onde outros dialetos apresentam, hoje, um “*p*” (no termo para *fogo*); (iv) a ocorrência de ítems lexicais muito destoantes de todos os vocabulários hoje conhecidos, como o termo *Dofuve* para ‘homem’, em lugar de *Ûn ngrẽ* ou algo semelhante¹⁷; (v) a ocorrência de palavras com [l], em lugar de [r], como *Leve* (‘sol’) e *Clingué* (‘estrela’)¹⁸.

O segundo deles foi colhido junto a duas mulheres “*dos Coroados*” de Guarapuava que viviam na casa do Capitão-Mór do Paraná, em Curitiba, e reúne pouco mais que 60 ítems (Saint-Hilaire [1851] 1978:81-83)¹⁹.

Os termos não apresentam muita diferença com o Kaingang atual, a não ser, em vários casos, pela forma do registro de Saint-Hilaire. Ainda assim, há coisas curiosas como o termo para *menino*, “*paissi*”, que voltaremos a encontrar apenas nos vocabulários de Borba (1883), colhido no norte do Paraná, e no de Misiones, anotado por Ambrosetti (1894). E também raro, se não equivocado, é o registro “*Quajana*” para *esposa*²⁰. Os termos para partes do corpo aparecem quase todos com o prefixo de posse de primeira pessoa do singular, como por exemplo, *itcrim* e *incanê*, respectivamente para *inh krĩ* [ijc^hkrĩ] e *inh kanẽ* [ijc^hka^hnẽ], o que seria esperado, dado o caráter dito *inalienável* desses termos em Kaingang e em várias línguas indígenas²¹. Por fim, também nesse vocabulário há registros de vários termos com [l] – como *Elê*

¹⁶ Tem o caráter demonstrativo.

¹⁷ Dado o que se disse em (iii), *Dofuve* poderia equivaler a *Do* + *pu* + *vẽ*, mas *do* + *pu* = ‘*cabo da flecha*’ (?).

¹⁸ Ver nota em 2.4.

¹⁹ Na edição francesa original a segunda lista aparece no Tomo II, p.142ss.

²⁰ *Quajana* parece uma forma variante (ou mal anotada) para *Guaianá*.

²¹ Registre-se que, nos dias atuais, nas comunidades Kaingang em que o bilingüismo é mais intenso (ou entre aqueles Kaingang mais escolarizados), por influência do Português, é possível obter-se termos referentes a partes do corpo *sem* o acompanhamento do prefixo de posse.

(‘sol’) e *Ininglê* (‘orelhas’) – mas da curiosa indicação: (*o l tem o som de r*). Mais curioso ainda é o fato de aparecer também o inverso: *Anta Oioro* (*o r tem o som de l*).

A propósito da qualidade dos seus registros, o próprio Saint-Hilaire expõe seu método de coleta de dados, quando relata as anotações feitas com as mulheres de Guarapuava:

“Esta mulher me ditou algumas palavras de sua língua, e em seguida eu li essas palavras para uma outra mulher da mesma nação, corrigindo os erros que me haviam escapado. Era o método que eu sempre seguia, quando possível.” (Saint-Hilaire [1851] 1978:81)

Ao que tudo indica, isso não foi possível no caso do jovem Guanhanã aprisionado, mas a ocasião de esclarecer seu método, na passagem acima, permitiu a Saint-Hilaire incluir na obra uma extensa nota em que rebate críticas do Príncipe de Neuwied à qualidade de suas notações, na qual também remete a outros lugares em que já apresentara seu método de pesquisa.

2.3. VOCABULÁRIO da língua bugre. 1852

Publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1852 (com segunda edição em 1888), o *“Vocabulário da Língua Bugre”* é efetivamente um vocabulário Kaingang. Ao longo de quinze páginas contém mais de 650 entradas, que não se resumem a itens lexicais em português seguidos do correspondente termo indígena, mas compõe um esboço de dicionário, indicando, na maior parte dos casos, os usos diferentes de cada termo, com aplicação em mais de uma oração ou contexto. É, sem dúvida, o melhor documento para o conhecimento da língua Kaingang *produzido no Brasil no século XIX*.

Curiosamente, tão importante trabalho é anônimo, e não se lhe tem atribuído autoria. Desconhecendo sua autoria, desconhece-se igualmente sua origem, ou seja, a aldeia ou aldeamento em que se falava o dialeto que ele registra.

A probabilidade deste vocabulário ter sido escrito por um missionário é muito grande – de fato, a mais segura – inclusive por várias referências a mandamentos e sacramentos (por exemplo, no ‘verbete’ *“Adorar ou Respeitar”*: *“cametim. No 1º Mandamento, Tupen piri on banc cametim”* - pg. 61; ou no verbete *“Batismo”*: *“tupengoio cupé”* - pg. 62) e pelas notas “catequéticas” (pg. 66: *“Deus, Tupen. – N.B. Para evitar equívocos usa-se da palavra portuguesa”*). O autor mostra, ainda, algum conhecimento de nomenclatura gramatical, como por exemplo, no verbete *“Não”*: *“quando negativo antes de verbo ou nome, é, tom: v.g.: Não dóe, cangatom; não tires dahi, econotom. – Quando se nega algum habito de fazer certas cousas, é eim ou uem; v.g.: Não costuma furtar, paueim; quando se responde não absoluto, é ua; v.g.: tu já comeste isso? Não, aurucô epié? ua”*.

No entanto, se o autor foi um missionário, devemos descartar os frades capuchinhos

italianos Luiz de Cemitille e Timotheo de Castelnuovo, uma vez que o primeiro só chegou ao Brasil em 1865, e o segundo, que veio para o Brasil em 1850, só iniciou seu trabalho missionário entre índios, com os Kaingang do Tibagi (PR), em 1855. As únicas missões entre os Kaingang na primeira metade do século XIX foram, de fato, a do Padre Francisco das Chagas Lima, capelão da Real Expedição de conquista de Guarapuava (que atuou ali, entre 1812 e 1827), e a efêmera presença jesuítica junto aos Kaingang do norte do Rio Grande do Sul entre 1848 e 1850²².

A favor do Padre Chagas Lima militam não apenas o tempo de convivência, mas várias coincidências entre esse *Vocabulário* e os termos que registra em uma breve apresentação da língua Kaingang (pp. 53-54) na sua “*Memória sobre o descobrimento e colônia de Guarapuava*” (manuscrito de 1827, publicado em 1842 pela Revista do IHGB, como vimos acima). Naquela “*Memória*”, Chagas Lima mostra o que se esperaria do autor do “*Vocabulário da língua Bugre*”: conhecimento de nomenclatura gramatical, conhecimento de uso da língua indígena e registro igual (isso é, pelas mesmas convenções de escrita) para termos que aparecem nos dois documentos. Veja-se, por exemplo, que nos dois documentos aparecem as seguintes formas (e idênticas traduções):

| | |
|-----------------------------|---|
| <i>Banc</i> ‘grande’ | <i>Rom</i> ‘abrir a porta’ |
| <i>Rem</i> ‘pintar o corpo’ | <i>Tom</i> ‘partícula negativa’ / ‘não’ |
| <i>Xim</i> ‘pequeno’ | <i>Heré</i> ‘campo’ |
| <i>Javain</i> ‘caçar’ | <i>Javu</i> ‘irmão’ |

Chagas Lima deixou Guarapuava em 1827 – após 15 anos em contato direto com os Kaingang – aos 69 anos de idade (cf. Lima 1842:62). Arthur Martins Franco, em nota biográfica elogiosa ao Pe. Chagas Lima, não informa a data de sua morte, indicando apenas que ele se retirara de Guarapuava “*com a saúde profundamente abalada*”, indo viver na Villa de Parnahyba, onde “*pobre e esquecido, terminou os seus tristes dias*” (Franco 1938:462). É improvável que essa morte tenha ocorrido depois de 1852, inclusive dadas as estimativas de vida da época e as condições em que o Padre vivera e trabalhara. Ao contrário, pelo que está dito acima (seção 2.1), o mais provável é que tenha morrido antes de 1842.

Estabelecida a autoria do *Vocabulário da língua Bugre* – que acabo de atribuir ao Padre Francisco das Chagas Lima – sabemos agora que esse documento apresenta aspectos da língua Kaingang como era falada pelos grupos catequisados em Guarapuava na primeira metade do século XIX.

Há nele achados valiosos, se buscados com cuidado, como os neologismos (depois, ao

²² Nem se coloca a possibilidade de que esse *Vocabulário* fosse obra de missionários jesuítas espanhóis do século XVI (e o melhor candidato seria, então, o Padre Francisco Diaz Taño), porque nesse caso, o documento não estaria em Português ou, se o fosse, não seria no Português do século XIX, como está redigido o *Vocabulário*.

que parece, abandonados) para designar “trigo” = *nherexim*, isto é, “milho pequeno” (pg. 63 – na entrada “Bolo”), para designar “pólvora” = *menfu caparom* (ou ‘menfu kaprõr’), que o autor traduz como “*pó negro*” (pg. 73) ou para designar “manteiga” = *tainguará* (pg. 70). Da mesma forma, os neologismos para “carta” = *vanherà toien*, na tradução do autor: “*risquinhos que falam*” (pg. 64 – forma depois simplificada para *vẽnhirá*) e os nomes para tipos diferentes de tecido (pg. 72). Também é único o registro para “mar” como “*goioii*” (pg. 73). Para “cavalo”, o termo registrado é *queveru* (pg. 64), originado em empréstimo do Português, e muito próximo da forma consagrada hoje, que é *kãvãru*, pronunciada [kãwãru] (em alguns lugares, abreviada para *kãru*). O interessante é que, para “boi”, há dois termos registrados nesse Vocabulário do Padre Chagas Lima, do dialeto falado em Guarapuava: *boin*, também empréstimo, e que corresponde à atual forma *monh* (pronunciada [mboɲɪ]); mas também *queveru-nica* (pg. 63), um neologismo derivado do empréstimo *queveru*, acrescido do termo *nica* = “chifre”.

2.4. HENSEL 1869

Reinhold F. Hensel esteve no Rio Grande do Sul de 1863 a 1866, como zoólogo, às expensas da Academia de Ciências de Berlin (Becker 1976:328).

Em viagem de pesquisa à região da Colônia Militar de Caseros (nordeste do RS), em 1865, Hensel recolheu pequeno vocabulário entre os Kaingang do aldeamento próximo àquela Colônia: são 33 itens lexicais (Hensel 1869:134-135) cujo registro apresenta algumas particularidades, nem sempre atribuíveis a problemas de notação – feita com base no alemão (embora problemas de registro também existam). Observa-se, por exemplo, uma alta frequência do som lateral [l] – em “*cajélle*”, “*nglonglo*”, “*idklí*”, “*idniglengk*”, “*ragnglü*”, “*idkomenglü*” –, o que coloca uma proximidade com Xokleng no mínimo instigante (sobretudo dada a posição geográfica de Caseros).²³

2.5. BORBA 1883

Telêmaco Morosines Borba atuou por dez anos como Diretor do Aldeamento Indígena de São Pedro de Alcântara, no baixo Tibagi (PR)²⁴, a partir de meados de 1863. Posteriormente dirigiu o Aldeamento (Guarani) do Paranapanema e, finalmente, fundou o Toldo de Barreiros (ou Queimadas), todos no Paraná.

²³ De uma maneira um pouco simplificadora, pode-se dizer que a única líquida do sistema consonantal do Proto-Kaingang realiza-se como *tepe* no Kaingang atual e como *lateral* no Xokleng (Laklãnõ), o que explica a observação feita no texto. Na realidade, a situação pode ser um tanto mais complexa, haja visto a ocorrência de distribuição complementar entre [r] e [l] no dialeto Kaingang paulista. A observação acerca da posição geográfica de Caseros refere-se ao fato de ela ser a área mais oriental dos Kaingang, muito próxima do nordeste do Rio Grande do Sul, região onde se registra presença Xokleng importante no século XIX.

Borba publicou vários artigos, reunindo posteriormente a maior parte de suas observações na obra *“Actualidade Indígena”*, publicada em 1908. Na *“Breve Notícia sobre os índios Caingangs”* (1883), que foi sua primeira publicação sobre eles, encontra-se um vocabulário de pouco mais de 260 itens lexicais (Borba 1883:28-32), apresentados em ordem alfabética (pela entrada em Português).

Ainda que a origem de seus dados sejam os Kaingang instalados no Jataí (ou São Pedro de Alcântara), o próprio Telêmaco registra a memória oral daquele grupo dando conta de sua origem na região do rio Piquiri (a sudoeste), de onde teriam fugido nos meados da década de 1850, devido aos ataques da gente do cacique Viry. Desse modo, restam dúvidas sobre o dialeto que efetivamente registrou. E, ainda que o Aldeamento de São Jerônimo²⁵ tenha sido fundado na mesma época e também para abrigar grupos Kaingang emigrados do Piquiri (segundo a informação de Borba), o fato é que o dialeto de São Pedro de Alcântara apresentava particularidades que o distinguiam daquele (e vice-versa). Isso é o que registrou Frei Luiz de Cemitille, missionário por longos anos entre os Kaingang de São Jerônimo:

“observei que os índios do aldeamento de São Jerônimo, bem que sejam da mesma nação que os de São Pedro de Alcântara, tem muitas palavras pronunciadas de uma maneira inteiramente diversa.” (Cemitille [1882] apud Taunay 1918:587).

Talvez a explicação esteja no fato de que a busca de abrigo junto à Colônia Militar no Jataí tenha sido por grupos distintos, em momentos diferentes. É o que se pode deduzir de diferentes passagens dos textos de Borba. Na *“Breve Notícia”*, Borba registrou, conforme lhe narraram os Kaingang, que seus antepassados teriam habitado primeiramente as regiões de Castro e Guarapuava, mas recuaram para oeste depois do fracasso de impedir a ocupação portuguesa em Guarapuava. Mesmo assim continuaram a realizar ataques aos moradores brancos e a sofrer combates, *“represalias por parte dos habitantes, coadjuvados pelos Caciques Condá e Very”*, de modo que, em 1856 ou 57, atacados e derrotados por Very *“em seus arranchamentos do rio Piquiry”*, e desanimados por várias derrotas, *“grande número d’elles veio procurar nossa amizade, apresentando-se em 1858 na colonia militar do Yathahy”*, onde foram recebidos pelo diretor da Colônia, Major Thomaz José Muniz (Borba 1883:20-21). Na seqüência Borba informa que *“o Governo procurou aldeal-os em S. Jeronymo e em S. Pedro de Alcantara”*, e em 1876 o próprio Borba encontrou aldeamentos Kaingang ainda existentes no Piquiry.²⁶

No entanto, em seu *“Actualidade Indígena”* (1908), ao mesmo tempo em que confirma

²⁴ Entre 15 e 20 km a leste da atual cidade de Londrina.

²⁵ Na margem direita do Tibagi, cerca de 50 km – em linha reta – ao Sul do aldeamento de São Pedro de Alcântara (seguindo o curso do rio, os dois aldeamentos distavam mais de 80 km).

²⁶ A documentação oficial registra um número importante de ‘toldos’ Kaingang no Piquiri ainda em meados do século XX.

aquele relato²⁷, Borba traz outro registro, que não parece referir-se aos mesmos fatos:

“As relações entre brancos e Kaingangues, foram encetadas, parece-nos, antes do meado do século passado; mas, tanto índios aliados como brancos e selvagens, continuaram a hostilizar-se até 1863, epocha do ultimo assalto por elles, selvagens, praticado nos campos da Larangeira, Guarapuava.

“O autor desta linhas ouviu do cacique Deggaembang, a narração do exterminio por elle praticado na familia Machado (...) Temendo a vingança dos brancos e dos índios aliados, vieram apresentar-se no Jatahi, onde aldearam-se. Quem os encontrou à chegada, foi o autor destas linhas...” (Borba 1908:131). São reveladores, neste relato, o ano do assalto (posterior ao qual, aquele grupo procurou aldear-se no Jataí), e o fato de Telêmaco Borba os ter recebido. De fato, Borba assumiu a função de Diretor do Aldeamento São Pedro de Alcântara (contíguo à Colônia do Jataí) apenas em 1863, enquanto os primeiros grupos a abrigar-se no Jataí o fizeram em 1858 (onde tinham sido recebidos pelo então Diretor da Colônia, o mencionado Major Thomaz Muniz). O fato de o ataque ter ocorrido no Campo das Laranjeiras, mais próximo ao Rio Iguaçu, não impede que tivesse sido realizado por grupos do Piquiry, mas também aponta para a possibilidade de ser obra de grupos Kaingang que habitavam um pouco mais ao Sul ou Sudoeste.

2.6. TAUNAY 1888

Alfredo d’Escragnolle Taunay foi militar respeitado²⁸, romancista e político: foi deputado, senador e presidente das Províncias de Santa Catarina e do Paraná. Foi nessa última província, quando a governava (1885-1886), que teve oportunidade de travar contato direto com índios Kaingang de Guarapuava (em uma visita destes à capital) e com um não-índio, da mesma região, falante da língua indígena. Taunay reuniu um vocabulário com pouco mais de 600 itens lexicais e mais de 60 frases, que publicou como parte da sua monografia *“Os índios Caingangs (Coroados de Guarapuava)”*²⁹. Além disso, ocupou seis páginas de seu trabalho com considerações impressionistas sobre a língua Kaingang, três das quais ocupadas com conjugações de verbos.

Quanto ao vocabulário, apresentado em ordem alfabética, apesar dos auto-elogios de Taunay acerca de seu cuidado no grafar os termos indígenas (cf. pgs. 251-253), há algumas dificuldades, como costuma acontecer com os vocabulários anotados sem o recurso de uma

²⁷ *“Em 1856 ou 57 foram atacados, em seus toldos do valle do Piquiry, pela gente do cacique Viry (...) Desanimados, por este e outros revezes, grande número delles vieram procurar nossa amizade, apresentando-se em 1858 na colonia militar do Jatahy (...) O Governo tractou de aldeal-os em São Jeronymo, e depois também em São Pedro de Alcantara”* (Borba 1908: 6).

²⁸ Participou da campanha do Paraguai e escreveu um trabalho clássico da história militar brasileira: *“A retirada da Laguna”*.

²⁹ O *Vocabulário* ocupa as páginas 285 a 310.

notação fonética. Vejam-se, por exemplo, o registros “*Naeká*” por *waikã*, ‘amanhã’ (ortogr.: *vaj ky*)³⁰, “*Xitangui*” para *xintauĩ*³¹, ‘bonito’ (ortogr.: *sĩ tavĩ*), “*Keteká*” por *ngetkã* (ortogr.: *genky*), etc³².

2.7. QUADROS 1892

O Tenente-Coronel Francisco Raimundo Quadros comandou a Segunda Secção da Comissão Militar encarregada de abertura da linha telegráfica ligando Uberaba a Cuiabá durante o primeiro semestre de 1889. A Segunda Secção estava encarregada da exploração e construção de uma linha telegráfica de Botucatu à foz do Tibagi, no Paranapanema. Em sua “*Memória sobre os trabalhos de observação e exploração*” de sua seção fez questão de retratar o “homem” da região, dando breve descrição de Coroados, Caiuás e Xavantes (Oti), que nela habitavam. Ao final da “*Memória*” agrega um vocabulário comparado daquelas três línguas (agregando ainda uma coluna para o Guaraní), com quase 100 itens lexicais (havendo lacunas praticamente apenas no vocabulário Oti-Xavante).

No entanto, seu vocabulário Kaingang não foi colhido de falantes no território paulista (já que não havia contatos amistosos entre os Kaingang e os não-índios nesse estado até 1912), mas provavelmente de um Kaingang do aldeamento próximo à colônia militar do Jataí, no Paraná (pelo que o texto permite deduzir, à pg. 253). Guarda, no entanto, algumas diferenças em relação ao dialeto do vocabulário de Borba (1883). Para ‘*milho*’, por exemplo, enquanto Borba registrou *Nhára*, Quadros anotou *Nhére*. É interessante também a forma com que registra alguns termos: *Qcham* para ‘*lua*’, *Ohoh* para ‘*cão*’, *Cunhampepe* para ‘*perdiz*’, etc. Quadros foi um dos primeiros a registrar o termo indígena para ‘*padre*’: *Pandére*³³. Por fim, ao que parece, algumas palavras tiveram um ‘N’ (ou ‘Nh’ ou ‘Ih’) transposto equivocadamente para ‘H’ na composição tipográfica, como *Han* (‘*mãe*’), *Ha* (‘*dente*’), *Hatekú* (‘*boca*’).

2.8. AMBROSETTI 1894

O pesquisador argentino Juan Bautista Ambrosetti (1865-1911) realizou três viagens ao território de Misiones, pelo Instituto Geográfico Argentino: uma em 1892 e duas em 1894. Como resultado das duas primeiras publicou o primeiro e mais importante trabalho acerca dos

³⁰ Entre parênteses apresento a forma escrita ortográfica atual em Kaingang, mas fora do parêntese utilizo uma forma aportuguesada de escrita, para o leitor ter idéia do que poderia ter sido a forma esperada de um falante de português.

³¹ Em alguns lugares Taunay emprega “gu” para a aproximante lábio-velar [w], ainda que em outros lugares use simplesmente “u”.

³² Essas e outras tantas notações ‘equivocadas’ receberam a crítica de Val Floriania (1918:565-628).

³³ Foi antecedido, nisso, apenas pelo relatório de Hégréville, publicado em 1857, e possivelmente também pelo vocabulário do Padre Gay, no Rio Grande do Sul (não publicado).

Kaingang habitantes daquele território: “*Los indios Kainganges de San Pedro (Misiones) - con un vocabulario*”. As notas históricas e etnográficas são primorosas e com frequência superam as notas deixadas por Telêmaco Borba – que conviveu mais de uma década com comunidades Kaingang no Paraná – e, salvo engano, apresenta as primeiras fotografias de índios Kaingang incluídas em publicação etnográfica sobre eles. Ao final das 49 páginas de texto seguem-se mais 30 do *Vocabulario del idioma Kaingangue*. Além de ser um dos únicos registros do dialeto falado em Misiones, é um vocabulário muito extenso, quase inusual para a época: em suas 30 páginas há 853 itens lexicais (sendo 242 verbos) e 71 frases.

Algumas coisas nos registros de Ambrosetti nos sugerem tomá-lo por um anotador bastante leigo. Por exemplo, a palavra Kaingang para *bugio*, que aparece como “*Gõñge*”, ou o termo para *estrangeiro*³⁴ = “*fongẽ*”. Essas formas parecem diferir muito pouco do registro leigo de viajantes, funcionários de governo ou missionários, que geraram, por exemplo, os topônimos *Erebango* e *Chimbanguê*³⁵. No entanto, há muitos detalhes da notação que nos fazem crer estar diante de um pesquisador cuidadoso e, talvez, não tão ruim ‘de ouvido’ como à primeira vista pareceria. Observe-se, por exemplo, o emprego de sinais para marcar vogais longas e vogais breves, regularmente em todo o corpo do vocabulário, como em: *Kañěřě* (*macaco*), *Kané fűěřě* (*pálpebras*), *Ñěr-kũnguñú* (*milho cateto*), etc. No caso de *Kané fűěřě* (*pálpebras*), por exemplo, pode-se fazer a previsão que um anotador menos detalhista poderia contentar-se com uma transcrição: [ka'ně f^wer] ou [ka'ně f^wer^o], onde a ligeira labialização se deve ao [f] e o segmento final é um apoio vocálico de /r/.

O vocabulário de Ambrosetti organiza-se por temas e classes de palavras, e entre eles não há, aparentemente, qualquer ordenação. Os principais agrupamentos são: *Nombres de animales* (24 termos), *Aves* (23 nomes), *Invertebrados* (37 registros), *Partes del Cuerpo* (cerca de 50 itens), *Vegetales* (cerca de 40 itens), *Cocina* (cerca de 40 itens), *Adjetivos* (perto de 100 itens) e, sobretudo, *Verbos* (242 verbos). Por fim, as frases constituem excelente material para estudo da sintaxe em vários aspectos (ordem preferencial dos constituintes, marcas de aspecto, etc.), além de apresentarem as palavras em uso, o que produz efeitos, inclusive, sobre a pronúncia (por exemplo: *milho* aparece como “*ñar*” e como “*ñer*”, em duas frases diferentes).

³⁴ Na tradução de Ambrosetti: “*cristiano*”.

³⁵ *Erebango*, nome de uma cidade da região norte do Rio Grande do Sul (próxima a Erechim) é a forma aportuguesada de *re + mág*, [re'mbøgŋ], que significa: “*Campo grande*”. *Chimbanguê* é nome de uma área indígena no oeste catarinense (Toldo Chimbanguê), e seu nome deriva do nome de um antigo cacique, que se chamava *si mág*, [ʃi'mbøgŋ], “*pernilongo*”.

2.9. BARROS 1894

Em apêndice ao seu mais importante trabalho sobre os Kaingang de Misiones, Ambrosetti (1894) publicou um “*Vocabulário Kaingángue (Coroado) del Pikiry (ao Norte del Guayra)*”, coletado pelo Tenente Edmundo Barros, do Exército Brasileiro. O *Vocabulário* de Edmundo Barros reúne 100 itens lexicais, organizados por temas e classes de palavras: *Nombres de animales, Partes del cuerpo, Parentesco, Vegetales, Meteorologia, Numeracion, Adjetivos, Verbos, Pronomes e Otros Substantivos*.

As anotações de Barros demonstram muitas falhas de percepção, falhas de registro e, ainda, falhas na coleta dos dados³⁶. Curiosamente, sendo brasileiro, Barros utiliza a letra “j” com valor de uma aspiração suave, inclusive em final de sílaba (como em “*Taj*”, para ‘chuva’), apesar de também empregar a letra “h” (por ex.: “*Huán*”, para ‘flauta’, provavelmente por [wãh] = ‘taquara’).

O uso do possessivo de primeira pessoa para o vocábulo que designa o órgão genital feminino (“*ij fú*”) pode indicar que o informante de Barros fosse uma mulher. Nesse caso, é improvável que o tivesse obtido em uma aldeia Kaingang, mas é muito factível que o tenha obtido de uma índia desaldeada, provavelmente aprisionada por fazendeiros.

2.10. AMBROSETTI 1896

Depois de publicar o mais importante estudo sobre os Kaingang de Misiones, Ambrosetti deu a público listas vocabulares colhidas junto a outros índios da região do Alto Paraná³⁷, que se auto-rotulavam *Ingain* (e foram chamados, por alguns autores, de *Tains*), e que para Ambrosetti, não passavam de outras parcialidade “*pertenecientes á la misma nación Kaingangue*” (Ambrosetti 1896:3).

Dos quatro vocabulários publicados em seus “*Materiales para el estudio de las lenguas del grupo Kaingangue (Alto Paraná)*”, o primeiro Ambrosetti colhe em 1893, com um índio peão de uma fazenda. Outros dois colhe depois, com outro peão de fazenda e com uma índia casada com um brasileiro, e o quarto fora recolhido por Adam Luchessi numa aldeia próxima ao Iuitorocay. De todos, o mais completo é o colhido por Ambrosetti com a índia Maria Antonia, e o que contém mais lacunas, o recolhido por Luchessi. Ainda assim, ao todo, a lista em castelhano (incompleta, ou seja, sem correspondente para todos os itens, nos quatro vocabulários) chega

³⁶ Por exemplo, os termos para “boca” e “lábio” são o mesmo, o termo para “avô” é, com algum trabalho de reconstrução, a forma para “tua avó paterna”, etc.

³⁷ “... se hallan ubicadas en la región del Alto Paraná, comprendida entre el arroyo Iuitorocay y el Salto del Guayra, en ambas orillas del rio, empezando su límite sur á unos cincuenta kilómetros ó diez leguas ao Norte del puerto de Tacurú-Pucú, que lo es de los yerbales paraguayos del mismo nombre” (Ambrosetti 1896:4).

próxima dos 600 itens lexicais, aos quais se acrescentam quase duas dezenas de pequenas orações.

Ainda que fragmentários, os “*materiales*” de Ambrosetti são material valioso e quase único para se conjecturar sobre a expansão de grupos Jê para oeste do território sul-brasileiro bem como sobre as relações interétnicas no ‘triângulo’ Brasil-Paraguai-Argentina³⁸. Ainda que em sua maior parte os vocabulários apresentem origem distinta do Kaingang, é impressionante um significativo número de termos que inequivocamente têm origem nessa língua.

Há curiosidades, como o fato de certas palavras parecerem ter sofrido uma perda de sílaba inicial, como “Ñara” e “Ñere” para *macaco*, que em Kaingang atual é *kajêre* (‘kañere’); “Ché” para *irapuá*, que no Kaingang atual é *kuxé* (ortogr.: *kusé*); “Chau”, para *vermelho*, que em Kaingang atual é *kuxũg* (ortogr.: *kusũg*); e, finalmente, o próprio nome “Ingain”, que em um dos vocabulários aparece como o termo para *índio*, que atualmente se traduz por *Kaingang* (ortogr.: *kanhgág*)³⁹. Outra curiosidade digna de destaque é o fato de certas formas, ainda que próximas do Kaingang, aproximam-se mais de línguas Jê setentrionais, como “Ná” para *chuva* (em Kaingang atual é “*ta*”) ou “Kra” para *filho* (em Kaingang atual o equivalente é “*krẽ*”). O mais surpreendente deles, porém, é o termo “*keré*” ou “*kiné*” para *pedra*, que em Kaingang atual é “*pó*”; em Xerente atual, porém, registra-se *pedra* como “*kina*” ou “*kene*”, em Suyá como “*kene*” e em Kayapó como “*ken*” ou “*keen*” (cf. Câmara Jr. 1959:44).

Telêmaco Borba (que chegou a morar em Misiones e conhecer os Kaingang de San Pedro, além de ter sido amigo de Ambrosetti) mostra-se cético quanto à existência dos “Ingains”, e prefere atribuir os vocabulários a “*um selvagem de outra nação escravizado pelos Kainganges, e dahi o vicio de misturar palavras do próprio idioma com as do Kaingangue*” (Borba 1908:136). No entanto, o vocabulário “*Guaianá*” que transcreve, registrado por Domingos Patiño – e que Borba usa como argumento contra identificar os tais Guainá com Kaingang – apresenta muitas coincidências com os vocabulários “*Ingain*” de Ambrosetti (cf. Borba 1908:138-139).

³⁸ Entre os fatos em que devemos colocar atenção, talvez esteja a épica migração das missões jesuíticas do Guairá para o sul, em 1632, buscando o curso médio-alto do rio Paraná, em fuga aos constantes ataques dos bandeirantes. Segundo os registros deixados por Montoya, mais de 12 mil pessoas, das várias reduções, fizeram esse movimento e à época havia pelo menos duas reduções solidamente estabelecidas junto a comunidades Jê meridionais: a de Nuestra Señora de la Concepción de los Gualachos e a de Encarnación (e, talvez ainda, a de los Arcángeles).

³⁹ É interessante anotar que essa queda parece operar sincronicamente naqueles dialetos, quando observamos a palavra para *milho*, que em três dialetos é dada como “*kundá*”. No entanto, quando se tem locuções como “*espiga de milho*”, a palavra que comparece não é “*kundá*”, mas simplesmente a forma “*nda*”: “*Nda bá*”. O mesmo para expressões como “*milho granando*” = “*Nda buèrè buadé*”, “*milho pronto para colher*” = “*Nda kanete*”, “*milho*

2.11. CLEVE 1897

Dinamarquês de nascimento, Luiz Daniel Cleve viveu no Paraná e obteve, em 1876, sua naturalização com anuência da Câmara de Guarapuava. Foi Juiz Comissário e, na década de 1880, Diretor dos Índios de Guarapuava (uma função administrativa do governo provincial). Assinou várias correspondências e relatórios na função de Diretor de Índios (sob a guarda do Arquivo Público do Paraná).

As bibliografias fazem constar um trabalho de Cleve, divulgado no *Almanach Paranaense para o ano de 1897* (publicação organizada por José Gonçalves de Moura), sob o título: “*O Paraná indígena. Vocabulário*”. Trata-se, no entanto, de uma pequena lista de topônimos (p.141-145) de responsabilidade do próprio organizador do *Almanach*, que informa, ao final, ter contado com as correções e adendos de Luiz Cleve. Pode-se, assim, atribuir a ele, a divulgação ali, por primeira vez, de uns poucos topônimos Kaingang e sua etimologia, como *Xanxerê, Candói, Covó e Goio-en*.⁴⁰

2.12. Outros vocabulários no século XIX

2.12.a) HÉGRÉVILLE 1857

A inclusão, aqui, do “*Relatório do engenheiro Hégréville sobre a estrada de Palmas a Missões*” – publicado no jornal “O Dezenove de Dezembro”, de Curitiba, no ano de 1857 – não se deve à existência, nele, de um vocabulário. De fato, ao todo, o relatório inclui apenas dois nomes próprios pessoais, dois topônimos indígenas e outros três termos Kaingang (que, por tão poucos, reproduzo a seguir). O valor, porém, do registro de Hégréville, está em ser uma das primeiras publicações a divulgar termos daquela língua indígena e, mais ainda, por ser a única publicação do século XIX a divulgar termos Kaingang coletados no que é, hoje, território catarinense⁴¹.

Hégréville inclui, em seu relatório de inspeção da estrada, um informe de seu diálogo com o velho *Kanha-fé*, índio “*Coroado*” octogenário da Aldeia do Xapecó (leia-se: passo do Rio Chapecó, na estrada que seguia de Palmas para o Goio-En, conhecida pelos índios como Toldo Imbu). O engenheiro estava acompanhado do Cacique Virí, de Palmas, que lhe serviu de tradutor.

Além dos nomes próprios de *Virí* e do próprio *Kanha-fé*, os termos Kaingang que

assado” = “*Dangró*”, etc.

⁴⁰ Devo ao amigo Júlio César Soares a pesquisa à coleção do *Almanach Paranaense*.

⁴¹ Até 1853 a região do atual oeste catarinense pertencia à Província de São Paulo, passando a integrar, naquele ano, a Província do Paraná, desmembrada daquela. Era, pois, Paraná quando Hégréville ali esteve. O relato do encontro com *Kanha-fé* aparece nas edições de 28 e 31 de outubro e 04 de novembro de 1857.

aparecem no relato são:

Belé-bangué (na edição de 31/10) ou *Relé-bangué* (edição de 04/11). Na tradução obtida por Hègrèville, trata-se de “*campo muito extenso*”, donde que *Relé-bangué* está mais próximo dos termos Kaingang *re* = “campo”, e *mbâgn* = “grande”⁴² (e *Belé* terá sido erro de imprensa).

Cavarú-Culhá, cuja tradução seria “*matar e comer cavalos*”, ou seja, *kāvāru koja* (comer cavalo), na forma ortográfica atual.

Goyô-Rangué ou *Goyô-ranguê*, que seria o Rio Iguazu, denominado “*rio muito largo*” ou “*rio grande*” (donde, o esperado seria, na escrita do próprio Hègrèville, *Goyo-bangue*, correspondendo a *gojo-mág*).

Nhondá-Nhivi, que Hègrèville informa significar *língua dos Coroados*. Provavelmente aqui tenha havido uma tentativa do engenheiro de obter uma fórmula para algo como “*língua dos que vivem no mato*” ou algo parecido, de modo que a primeira sílaba talvez corresponda a “*nõn*” (na escrita atual, *nān*) = “mato virgem”, e a última corresponda a *vĩ* = “língua, fala, palavra”.

Além dos topônimos, aparecem ainda os termos *Tupá* = “Deus” e *pandarés* = “padres” (esse, por primeira vez em um registro impresso).

Xapécó e *Goyô En* eram, já, termos Kaingang consagrados na toponímia brasileira.

2.12.b) MARTIUS 1867

Da viagem que fizeram, entre 1816 e 1820, pelo Brasil, Johann Baptist von Spix e Carl Fredrich Philipp von Martius produziram valiosos registros, em boa parte publicados nos três volumes de sua *Reise in Brasilien* (aparecidos entre 1823 e 1831). Em 1867, porém, com Spix já falecido (morrera em 1826), von Martius publica dois volumes de suas *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens*, cujo volume II é dedicado aos vocabulários de línguas indígenas, sob o título: *Wörterammlung Brasilianischer Sprachen. Glossaria Linguarum Brasiliensium*.

No entanto, como se trata de obra com fins comparativos, Martius não limitou-se a publicar vocabulários que ele recolhera, mas inseriu na obra outros vocabulários, de fontes inéditas ou não. Assim é que se explica a presença, entre os muitos vocabulários da obra, um dos *Camé* (p.212-214) quando sabemos que Spix e Martius não estiveram, ao Sul, além de Sorocaba e Porto Felix (SP). Sua fonte é raramente objeto de especulação dos pesquisadores (adiante veremos que Lucien Adam faz a sua), mas uma comparação rápida com o *Vocabulário da Língua Bugre* – publicado em 1852, e cujo autor identifiquei ter sido o Padre Chagas Lima –

⁴² Ortograficamente, *mág*, pronunciado [mbəŋ].

não deixa dúvidas que o vocabulário *Camé* de Martius é um conjunto selecionado de itens daquele *Vocabulário* do Padre Chagas Lima.

2.12.c) KELLER 1867

Apenas para registro, mencione-se que o engenheiro Franz Keller produziu, em 1867, um relatório com o título “*Noções sobre os indígenas da Província do Paraná*”, dirigido ao Imperador Pedro II, que permaneceu inédito sob a guarda do Arquivo Nacional até 1974, quando foi publicado pelo Museu do Índio, em seu Boletim. Assim, embora não publicado à época de sua produção, o documento apresenta um pequeno vocabulário Kaingang de cerca de 90 palavras e 16 frases, que Franz Keller anotou de um falante Kaingang de São Pedro de Alcântara (Jataí). É digno de nota que a notação de Keller apresenta detalhes de pronúncia bastante sofisticados, o que lhe dá mais valor como registro da língua Kaingang no século XIX. Vejam-se os seguintes exemplos (Keller 1974:26-28):

| | | |
|----------------|--------------|-------------------------------------|
| <i>kü-fé</i> | faca | |
| <i>bédn</i> | marido | <i>o dn se deixa perceber pouco</i> |
| <i>crodn</i> | beber | |
| <i>weinhúó</i> | correr | <i>o ei não é diphtongo</i> |
| <i>agn</i> | eles | |
| <i>fogn</i> | homem branco | |

2.12.d) PADRE GAY s/d

João Pedro Gay (1815-1891) foi um sacerdote francês que migrou para o Brasil em 1843. A partir de 1848 exerceu suas suas funções sacerdotais no Rio Grande do Sul, tendo sido vigário em São Borja e em Uruguaiana. Para essa última cidade transferiu-se em 1874, ali permanecendo até sua morte em 1891. E foi como “Cônego Gay – Pároco de Uruguaiana” que assinou o *Pequeno Vocabulário da Língua dos Bugres Coroados*, sem qualquer indicação de quem teriam sido seus informantes⁴³.

Seu *Pequeno Vocabulário* é composto de 268 palavras mais ou menos agrupadas por tópicos semânticos (numerais, clima, parentesco, partes do corpo humano, cores, etc.). Apresenta, porém, problemas de anotação (por ex.: “*ndédn ãn*” aparece como “*dano*”) e, possivelmente, problemas de transposição ou cópia (ainda que leve a assinatura manuscrita). Por outro lado, há detalhes fonéticos que podem conter importante informação para estudos dialetais

⁴³ *Petit Vocabulaire de la Langue des Bougres Couronnés* (original manuscrito sob a guarda do IHGB). Fui autorizado a copiá-lo e preparar sua publicação comentada, que virá à luz em breve.

e comparativos do Kaingang: o fato de registrar uma passagem aproximante em “*fuá*” para “*fá*”, “amargo” (mas também em outras palavras: “*Cufuá*”, “*Hitfuá*”, etc.) e o registro de formas com “e” (de fato, “*ê*”) em palavras como “*Niére*” (milho), “*Reengró*” (feijão) e “*Queveru*” (cavalo).

O vocabulário é, em todo caso, rico para um estudo dos dialetos Kaingang, sobretudo quando se tiver estabelecida sua fonte ou origem (isto é, a origem dos falantes de que se serviu o Padre Gay para elaborá-lo). Há, nele, registros interessantíssimos, como os termos para “caboclo” (“*Cucúyo*”), “sacerdote” (“*Pandará*”)⁴⁴, “sabão” (“*Chamó*”), mas também os termos para “*Bugres Coroados*” (“*Caingángue*”) e para “*Botocudos*” (“*Chocrén*”).

3. O período de 1901 a 1950

3.1. ADAM 1902

O trabalho de Lucien Adam (*Le parler des Caingangs*), apresentado na XIIª Sessão do Congresso Internacional de Americanistas (Paris, 1900) reúne – e, parcialmente, analisa – vocabulários diversos do Kaingang então conhecidos. São 140 itens lexicais para os quais o autor recolhe os registros dos seguintes vocabulários (aqui precedidos das respectivas siglas adotadas por Adam): *Am* – Ambrosetti (1894); *Par* – Borba (apud Ambrosetti 1894); *Ba* – Barros (apud Ambrosetti 1894); *To* – Martius 1867 (que L. Adam atribui a Cel. Toledo); *Q.* – Quadros 1892; *H.* – Hensel 1869; *Ped* – Pedro, *Ingain* de Ambrosetti 1896; *Ma* – Maria Antonia, *Ingain* de Ambrosetti 1896; *R.* – Román, *Ingain* de Ambrosetti 1896; *L.* – A. Luchessi, apud Ambrosetti 1896.

Vale esclarecer que o vocabulário *Camé*, de Martius (1867) é atribuído por Lucien Adam, sem maiores explicações, ao Coronel Toledo⁴⁵. Entretanto, quando se confrontam os termos e a notação adotada no vocabulário *Camé* de Martius com o *Vocabulário da Língua Bugre* (que demonstrei ser de autoria do Pe. Francisco Chagas Lima), não ficam dúvidas sobre a fonte de Martius ser esse último glossário.

Ao final do vocabulário ‘reunido’, Adam emprega dados de todos eles para tirar conclusões sobre os *índices* de possessivo, *índices* pessoais e formas de negação em Kaingang.

⁴⁴ Esse termo fora registrado, antes dele, apenas por Hégréville (1857) e, mais ou menos contemporâneo ao Padre Gay, por Quadros (1892).

⁴⁵ “*C'est parmi eux que le colonel Toledo a recueilli les éléments du vocabulaire Camé publié par Martius*” (Adam 1902:317). Suponho referir-se ao Coronel José Arouche de Toledo Rendon (1756-1834), autor de uma *Memória sobre as Aldeias de Índios da Província de São Paulo, segundo observações feitas em 1798* (publicada em 1842). Observe-se que, quando Toledo Rendon foi Diretor Geral de Índios da Prov. de São Paulo, não havia nenhum aldeamento com população Kaingang.

3.2. BORBA 1903

Publicado no *Almanach Paranaense*, de Curitiba, o *Pequeno vocabulário das línguas portuguesa e Caingangs ou Coroados* apresenta lista de termos que posteriormente integraria a publicação reunida em “*Actualidade Indígena*” (Borba 1908).

3.3. DULLEY 1903

Publicada na *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes*, de Campinas, a lista vocabular assinada por Charles J. Dulley teria sido colhida no Rio São Mateus, então o último ponto habitado por não-índios a oeste dos Campos Novos Paulistas. São 201 itens lexicais⁴⁶ e 2 orações simples. Há algum agrupamento temático ou de classe de palavra (*verbos*, por exemplo), mas a organização não é rigorosa.

Quanto à qualidade do registro, pode-se dizer que está acima dos padrões da época. Dulley anota, com precisão, detalhes fonéticos como, por exemplo, as circum-oralizadas ou os apoios vocálicos nas consoantes nasais finais não-explodidas. Vejam-se os exemplos: “*Igngré*” = ‘*pênis*’, “*Ignbedne (silente)*” = ‘*marido*’; “*Igdugne*” = ‘*barriga*’⁴⁷. Uma análise muito minuciosa pode revelar a verdadeira filiação dialetal do vocabulário, mas comparando-se ligeiramente com o vocabulário atual dos Kaingang paulistas, algumas coisas fazem crer que, embora Dulley o tenha colhido no oeste do Estado de São Paulo, o falante em questão talvez fosse originário do Paraná (inclusive porque os primeiros contatos pacíficos com Kaingang paulistas se deram apenas em 1912). Por exemplo, o termo para ‘*tigre*’ ou ‘*onça*’ nesse vocabulário aparece como “*Nmim*”, correspondente à forma “*mĩg*” dos dialetos ao Sul do Paranapanema. No entanto, os Kaingang paulistas atuais empregam o termo “*txopré*”, para significar a mesma coisa. Também é corrente, no dialeto paulista atual, a forma “*ygêrê*” para *milho*, enquanto no registro de Dulley vê-se a forma típica do dialeto central do Paraná: “*Gára*”. Ao lado disso, algumas formas curiosas, não mais presentes em nenhum dialeto Kaingang: “*Incaracachi*” = ‘*arroz*’; “*Kambigbugne*” = ‘*boi*’ (nesse último caso, um evidente neologismo a partir da palavra *kãmbe*, ‘*veado*’, e do adjetivo *mbâgn* = ‘*grande*’).

3.4. MARTINEZ 1904

As notas sobre “*Os Índios Guayanãs*” – enviadas por Benigno Martinez ao então Diretor do Museu Paulista, Hermann von Ihering, e por ele publicadas na revista do Museu – incluem, nas três páginas finais (pp. 50-52), dois vocabulários. O primeiro compara alguns dados de

⁴⁶ São 203, mas as palavras *arco* e *fogo* se repetem.

Ambrosetti (1896) para o *Ingain* com dados de dois vocabulários “*Guayanã*”: um anotado por Domingo Patiño, do Exército paraguaio; e um anotado pelo pesquisador Ramon Lista (originalmente publicado em 1883)⁴⁸. A segunda lista, com quase 60 itens, é o próprio *Vocabulário da língua Guayanã* colhido por Domingo Patiño e publicado originalmente no Paraguai em 1881⁴⁹. Nesse último, Martinez fez questão de registrar sua própria notação em 6 palavras. Há mais semelhanças entre o vocabulário *Guayanã* de Patiño com os vocabulários *Ingain* recolhidos por Ambrosetti do que com o vocabulário Kaingang de Misiones.

3.5. VOGT 1904

Num trabalho intitulado “*Die Indianer des Obern Paraná*” (*Os índios do Alto Paraná*), o Padre Friedrich Vogt (da congregação do Verbo Divino) dedicou a segunda parte a “*Die Indianer der Coroados-Gruppe*”, onde se inclui um vocabulário que ele mesmo tomou junto aos Kaingang de San Pedro de Misiones, em 1903. Àquela época, uma década depois da passagem de Ambrosetti, o grupo situava-se ainda a cerca de 5 km de San Pedro e contava com cerca de 60 pessoas (metade das quais, crianças).

O vocabulário de Vogt é constituído por cerca de 270 itens lexicais e uma dúzia de pequenas orações (pp. 354-358). É difícil avaliar a qualidade da notação; em alguns lugares de fato registra detalhes fonéticos reveladores, mas não deixa de apresentar muitas falhas (às vezes, por razões tipográficas). Casos evidentes de má transcrição ou má oitiva são termos como “*Gogó*”, para ‘cachorro’; “*Ekfjfort*”, para ‘peixe’; ou ainda, “*Kaičegó*” para ‘nuvem’. E há alguns problemas com as glosas, como por exemplo: “*Kyšó*” é traduzido por ‘*Coati (nasua socialis)*’, quando de fato se trata de ‘*Cutia (Dasyprocta azarae)*’ (e o correto, em Kaingang, é *Kyšóg*).

Destaque-se que a pronúncia de alguns itens não reproduz as formas anotadas por Ambrosetti no mesmo grupo. Por exemplo: “*Ñara*”, para ‘milho’, que A. registrou “*Ñére*”;⁵⁰ “*Ñeí*” para ‘cabelo’, que A. registrou “*Ñáing*”; “*Pendére*”, para ‘padre’, que A. registrou “*Pandére*”, etc. Destaque-se, ainda, que há registros únicos, como o neologismo para ‘*mandioca*’ (um cultivo não tradicional entre os Kaingang), que Vogt registrou como “*kagré*”, ou seja, *ka* + *ngré*, lit. ‘*pênis do pau*’ ou ‘*pau macho*’⁵¹, ou o neologismo para ‘*colher*’,

⁴⁷ De fato: ‘*meu pênis*’, ‘*meu marido*’ e ‘*minha barriga*’.

⁴⁸ Ramón Lista, *El Territorio de las Misiones*. Buenos Aires, 1883.

⁴⁹ Domingo Patiño, *Diario de un viaje por el Paraná*. Assunción, 1881.

⁵⁰ No caso de ‘*milho*’, no entanto, Vogt também registra a forma “*Ñèrè*”, para a glosa: ‘*folha de milho seco*’ = ‘*trockenes Maisblatt*’. E é preciso considerar que o Kaingang emprega a alternância [õ] x [ẽ] para uma importante distinção de sentido (cf. D’Angelis 2002).

⁵¹ Em Ambrosetti constam os termos “*Ui-ui – kûmin*” (o último correspondendo à ‘*mandioca braba*’). Anote-se que há um termo Kaingang próprio para ‘*raiz*’, genericamente.

“*pertóro*”.

Na seqüência, Vogt compara registros distintos de dialetos do Alto Paraná para mais de 200 itens diferentes. Utiliza, para isso, uma dezena de vocabulários, dois dos quais anotados por ele: o de San Pedro, acima referido, e um que anotou do índio Marcelino Ribeiro, *Ingain* de Ivitorocái. Também estão incluídos na comparação o vocabulário Kaingang de Ambrosetti (1894) tomado em San Pedro e os quatro vocabulários *Ingain*, divulgados por Ambrosetti, três dos quais colhidos pelo próprio (cf. Ambrosetti 1896).

3.6. TESCHAUER 1905

Em trabalho publicado no *Anuário do Estado do Rio Grande do Sul*, sobre os trabalhos de catequese desenvolvidos junto aos “Coroados” naquele estado, o jesuíta Carlos Teschauer inclui um vocabulário “*colhido da boca dos bugres*”, com os equivalentes em duas aldeias do norte do Rio Grande do Sul: Caseros e Nonoai⁵². De fato, o de Nonoai é mais extenso, com 44 palavras, 7 pequenas orações e os termos para os números de 1 a 10. No de Caseros comparecem apenas 29 itens lexicais. Um terceiro vocabulário, incluído na mesma publicação, e referente a Nonoai, é de autoria de um *Dr. Morsch*, do qual se trata no tópico seguinte (3.7).

A notação de Teschauer não fica a dever à maioria das outras conhecidas; tem bons “momentos” de percepção, e outros nem tanto. Registra, por exemplo, com atenção a dessoantização das codas nasais diante de consoantes surdas, como em “*kengká*”, “*kaitkan*” ou “*itpen*”, mas em outro lugar registra ensurdecimento demais, como em “*ningké*” ou deixa de observar uma forte nasalização, em “*ietky*” (p. 165 – embora esse último caso possa ser apenas falha na composição tipográfica). Por isso mesmo é difícil avaliar o que significa o consistente emprego da lateral “l” nos dois vocabulários: se dificuldades de percepção do jesuíta, se um fenômeno de variação em curso, se real presença da lateral ou, finalmente, se uma forma particular de realização das líquidas que, aos ouvidos do padre, sempre soaram como ‘e’. Assim, registra “*unglé*” para *homem* e “*olé*” para *lagoa*, nos dois dialetos; “*kaklan*” e “*tiklin*” como as formas do dialeto de Caseros para *tio* (materno) e *cabeça* (p. 165); “*cupli*” e “*kanglé*” para *branco* (cor) e *mandioca*, em Nonoai (p. 166). A favor da real ocorrência do [l] (e, portanto, do correto registro por Teschauer, veja-se o que Hensel registrara quase 40 anos antes (ver 2.4).

Registre-se, como relevante para compreensão da história e das relações inter-grupos Kaingang, que o termo “*pandére*” apareça como designação para *padre*, em Nonoai, mas não em Caseros (para o qual registra o termo “*koffá*” = *velho*). E ainda para Nonoai, Teschauer registra o termo “*kanglé*” para *mandioca*.

⁵² Caseros e Nonoai distam cerca de 150 km em linha reta.

Duas décadas depois o mesmo Pe. Teschauer publicou as notas de sua visita aos Kaingang das áreas de Caseros e de Nonoai, sob o título “*Os Caingang ou Coroados no Rio Grande do Sul*”, incluindo três vocabulários: aqueles dois colhidos por ele em Caseros e Nonoai, que já publicara em 1905, e um terceiro, “*que um médico recolhera em Passo Fundo*”, com 45 palavras. A comparação desse terceiro vocabulário (Teschauer 1927:49-51) com o vocabulário do Dr. Morsch incluído na publicação de 1905 (pg. 167-168) mostra que se trata da mesma coleção de dados (à diferença que, na publicação de 1927, feita pelo Museu Nacional, Teschauer substituiu a letra “c”, da notação do médico, por “k”, em todas as palavras).

3.7. MORSCH 1905

Trata-se de um vocabulário com 47 termos Kaingang (e dois Guarani), anotado pelo Dr. Morsch, de Passo Fundo, que Teschauer inclui em seu trabalho de 1905 informando tratar-se de uma “2ª. coleção” de “*vocabulos dos bugres de Nonohay*” (p. 167). Segundo informa Teschauer, em nota de rodapé, o autor é o Dr. F. Morsch, “*em cuja casa em Passo Fundo se hospedou o Ex. Bispo Diocesano com sua comitiva*” (Teschauer 1905:167). Pela publicação de 1927 sabemos tratar-se de um médico.

Apesar da curiosa “aparicação” de dois termos Guarani (“*Cunhatahim*” = *virgem, moça*, e “*mirim*” no sintagma “*Goio-Mirim*” = *água pequena*), o vocabulário do Dr. Morsch é um bom registro da língua em Nonoai no início do século XX. Há alguns problemas com a transposição para a forma impressa (por Teschauer ou pelos próprios impressores), adulterando alguns registros, como por exemplo: em “*Jonerim*” um “e” substituiu um “c”, e provavelmente o registro todo deveria ser *Iahcrin*⁵³; em “*Cujotté*”, provavelmente se adultera um registro como *Cujatte*, que talvez tenha sido a anotação do Dr. Morsch para *Kuxá-ti*.⁵⁴

Destaque-se, por fim, que Morsch é um dos primeiros a registrar o equivalente Kaingang para “dinheiro” (“*Injatkambú*”) e para “cigarro” (“*Maiú*”). Para o último termo também é possível que tenha ocorrido equívoco na transposição do original manuscrito: em lugar de um “m” talvez houvesse um “w”, e o registro deveria ser “*waiú*”, que resultaria numa forma mais próxima da anotada, por exemplo, por Ambrosetti alguns anos antes (*veiú*, *oaiú*), e daquela registrada por Ostlender alguns anos depois (*uajú*).

⁵³ Considerando o cuidado do Dr. Morsch no registro de algumas aspirações, busco uma explicação para o “n” que não teria lugar numa anotação do termo “*iacrín*” para *joelho*. Quanto ao registro da aspiração, veja-se “*Gah*”, “*Cuthi*” e, sobretudo, “*Hah*”, onde o próprio anotador acrescenta: “(*aspir. forte*)”.

⁵⁴ Nessa palavra, provavelmente uma distensão forte na realização da fricativa levou o anotador a registrar uma sonora (j). A distensão da vogal final produziu o registro “e”, onde a qualidade da vogal fica entre “i” e “e”.

3.8. IHERING 1907

O mais famoso diretor do Museu Paulista no início do século XX, Hermann von Ihering, publicou em 1904, na revista do Museu, um artigo com o título “*A Anthropologia no Estado de São Paulo*”, no qual insere um pequeníssimo vocabulário colhido por seu assistente, Rodolpho von Ihering. A pequena lista recebeu o título: *Vocabulario dos Notobotocudos e Caingangs da região do Tibagy (Paraná), colhido pelo snr. R. von Ihering*. São apenas 12 palavras nomeando partes do corpo humano (à exceção de uma: *fogo*), com os 12 equivalentes na língua *Notobotocudo* (provavelmente Xetá) e 8 equivalentes no *Caingang* (faltaram os termos Kaingang para *cabeça, barba, perna e braço*). A notação é ruim, o que torna o vocabulário, já reduzidíssimo, desprezível.

3.9. BORBA 1908

A mais conhecida publicação de Telêmaco Borba, *Actualidade Indígena* não trata apenas de Kaingang, mas de todos os povos indígenas com que o autor teve algum contato (Kaingang e Guarani, mas também *Xavante-Oti*, do estado de São Paulo). No que se refere à língua, Borba arrisca ligeiríssimo comentário sobre fonética e empréstimos (p.19), mas emprega muitas palavras indígenas ao longo de todo o texto (que inclui narrativas históricas e míticas valiosas, divulgadas em primeira mão por ele próprio) e transcreve cantos fúnebres (p.34), uma série de orações num “*diálogo na lingoa dos Caingangues*” (p.39-40), um “*ensaio de conjugação de verbos*” (p.41-47), um ensaio de etimologia para alguns topônimos (p.117-118) e quatro vocabulários, a saber:

– *Princípio de pequeno vocabulário da lingoa Caingangue ou Coroado*, com 248 itens lexicais ordenados alfabeticamente pela glosa em Português (p.35-38).

– *Nomes e palavras*: uma lista de cerca de 50 termos, em geral expressões ou locuções nominais (ex: “*é meio dia*”, “*sol nasceu*”, “*não esqueça*”, etc.), mas também termos de parentesco, substantivos e verbos (p.48).

– *Vocabulario. Idioma: Kaingangue e Guarani*, organizado por campo semântico, contém 607 termos em Kaingang (p.95-114).

– *Vocabulario dos idiomas Guaianá e Kaingangue*, que é uma listagem comparativa de 54 itens, em apêndice (usando dados de Ambrosetti 1896, para o *Guaianá*), com o fim de demonstrar a não identidade das línguas e grupos (p.138-139).

Esses vocabulários são muito importantes, inclusive por sua extensão, ainda que a transcrição não pareça primorosa da perspectiva fonética.

3.10. GONÇALVES 1908

Trata-se de um vocabulário colhido no Rio Feio, de uma índia Kaingang, por João Antonio Gonçalves a pedido de Affonso Freitas, que o inseriu (comparando com outros vocabulários anteriormente publicados) em seu artigo *Os Guayanás de Piratininga*, publicado originalmente na *Revista do Instituto Histórico e Geographico de São Paulo*⁵⁵ e, posteriormente, na forma de livro⁵⁶. Apesar da indicação, não há segurança para afirmar-se que se trata de vocabulário dos Kaingang paulistas, embora pudesse ser o caso de que a índia referida houvesse sido capturada de seu grupo (que só estabeleceu contato amistoso com os não-índios em 1912). De fato, não há termos, no seu vocabulário, que a distingam dos vocabulários já conhecidos até então, quando sabemos que os Kaingang paulistas guardam algumas particularidades lexicais. Ao todo, são 62 palavras (p.379-395) do que Freitas chama de *Caingang do Rio Feio*.

3.11. CHEVALIER 1909

Em um livro intitulado *As Missões Orientais e seus antigos domínios*, de Hemetério José Veloso da Silveira, num capítulo dedicado ao então distrito de Nonoai, o autor inseriu um *Vocabulário dos Índios Bugres de Nonoai*, que fora colhido, a seu pedido (através de um fazendeiro), pelo francês Frederico Chevalier.

Trata-se de um bom vocabulário, com 240 palavras organizadas por assuntos e classes de palavras (29 termos para partes do corpo humano, 16 para alimentos, 30 sobre animais, 40 verbos, etc.). O documento não perde sua importância, apesar de que, em alguns lugares, se possa atribuir certa notação à influência da escrita francesa (como o registro de um “l” para representar uma aproximante palatal: “*Lambré*” por *jambré*; “*Quembé*” por *kémbê*) ou a dificuldades de reconhecimento dos sons do Kaingang.

3.12. LEÃO 1910

Ermelino Agostinho de Leão foi, por algum tempo, Diretor do Museu Paranaense⁵⁷, quando teve oportunidade de fazer contato com um grupo Kaingang de Palmas, que se hospedara nas dependências daquele Museu. Com eles, então, confrontou o vocabulário divulgado por Borba (1903)⁵⁸.

Em um trabalho intitulado “*Subsidios para o estudo dos Kaingangues do Paraná*”, dedica uma seção à língua Kaingang, na qual se ocupa de conjecturas sobre origens da língua e

⁵⁵ Vol. XIII, p.359-395.

⁵⁶ São Paulo: Typ. Laemmert & C., 1910 (*Vocabulário Comparado*, às p.41-59).

⁵⁷ Em 1902 passou o cargo ao historiador Romário Martins.

etimologias fantasiosas, buscando raízes sânscritas, bascas, quichuas e outras e, principalmente, segundo diz, “*o tupi ou o abanheem*”⁵⁹. Há muitos termos Kaingang ao longo do texto, mas é difícil precisar qual a contribuição própria do autor (além das referidas fantasias) pelo contato direto com índios de Palmas. Ao final do trabalho agrega um vocabulário (p.246-252) que diz ter organizado com subsídios de vários autores (menciona 6), mas não informa haver contribuição própria.

3.13. OSTLENDER 1914

Padre Humberto Ostlender foi missionário do Verbo Divino, congregação religiosa católica que, por alguns anos, experimentou uma missão entre os Kaingang na região do Rio Ivaí. Deixou datilografado o documento que chamou “*Dicionário da Língua dos Índios Coroados*”, cujos originais estão sob a guarda do Instituto Anthropos do Brasil, também dos missionários do Verbo Divino. Segundo a apresentação do documento, por ele mesmo, o Dicionário em questão “*na forma atual, já estava pronto em 1914*”. Entretanto, pelas indicações que apresenta, a forma datilografada e preservada em arquivo foi produzida no final dos anos 30. Embora obra não publicada (o que foge ao primeiro critério que reúne essa revisão bibliográfica), o trabalho de Ostlender tem estado acessível, e há pelo menos uma publicação que o utiliza como fonte e torna públicos um pequeno conjunto de seus dados: Guérios (1945)⁶⁰.

Trata-se de um valioso trabalho, com o cuidado de estabelecer de início uma notação coerente (com uma chave de leitura). Em 48 páginas contém mais de 1700 entradas lexicais, em ordem alfabética da língua indígena, seguida das traduções para o Português e para o Alemão. Do ponto de vista fonético, é o melhor registro da língua Kaingang no primeiro século compreendido pelo presente estudo.

3.14. VAL FLORIANA 1918a

Frei Mansueto Barcatta de Val Floriana pertenceu a um segundo grupo de missionários capuchinhos italianos que, por algum tempo, buscou missionar os Kaingang do Tibagi, no norte paranaense⁶¹. Frei Mansueto transferiu-se de São Paulo para o Paraná exatamente com o fim de estudar a língua dos Kaingang no Jataí, onde esteve durante menos de um ano (outubro de 1911

⁵⁸ Informação do próprio E. de Leão, no trabalho em apreço, p. 241, nota de rodapé.

⁵⁹ Na republicação deste trabalho, feita na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* (1912, vol. 15), a parte referente à língua ocupa as páginas 239 a 252.

⁶⁰ Ao caracterizar Ostlender como sua fonte, Guérios registra: “*DIC. DA LÍNGUA DOS ÍNDIOS COROADOS, 1914, cópia datilogr. dos originais (Dialeto da zona do rio Ivaí, Paraná)*”. Observe-se que Guérios confirma a data de 1914.

⁶¹ Os primeiros, como se sabe, a partir de meados do século XIX, foram Frei Thimoteo de Castelnuovo e Frei Luiz de Cemitille.

a junho de 1912)⁶². Val Florianiana era trentino, chegou ao Brasil em 1890 e faleceu em Taubaté em 1921.

O “*Ensaio de Grammatica Kainjgang*”, de Frei Mansueto Barcatta de Val Florianiana é de fato o primeiro trabalho que pode merecer esse nome. Em pouco mais de 30 páginas há várias observações de valor sobre fonologia, morfologia e sintaxe da língua, ainda que calcadas nos modelos das abordagens e nomenclatura das gramáticas tradicionais.

3.15. VAL FLORIANA 1918b

Na seqüência do “*Ensaio de Gramática*”, de Val Florianiana, a Revista do Museu Paulista republicou, no mesmo volume, o trabalho de Taunay, “*Os índios Kaingángs (Coroados de Guarapuava)*”⁶³, com observações críticas do Frei Mansueto de Val Florianiana a respeito do registro da língua indígena pelo Visconde.

Com o título “*Uma crítica ao ‘Vocabulário da lingua dos Kaingang’ do Visconde de Taunay*”, na sua “*Introdução do Comentador*”, Val Florianiana apresenta suas notas como as de um “*representante do dialeto kaingang do Tibagy*” (p.568).

3.16. SOUZA 1918

O médico Geraldo H. de Paula Souza, indo passear na fazenda do Senador Luiz Piza, entre os rios Peixe e Feio (oeste paulista), em julho de 1916, teve ocasião de visitar os dois ‘acampamentos’ para os Kaingang, então dirigidos pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI): “*o primeiro a cerca de 30 k. de Pennapolis, aquem do Feio e o segundo a cerca de 64 k. da mesma localidade, entre os rios Feio e Peixe*” (p.740)⁶⁴.

No pequeno artigo que publicou sobre aqueles grupos (“*Notas sobre uma visita a acampamentos de indios Cangangs*”) encontra-se o primeiro vocabulário indiscutivelmente Kaingang de São Paulo publicado até então. Constitui-se de cerca de 140 palavras (p.753-757) e 18 nomes próprios (p.757-758).

A favor da identidade desse dialeto como Kaingang paulista há pelo menos uma palavra com presença de africada alveo-palatal surda (em “*dô-tchôro*” = *revólver*) e registro de pelo menos um item lexical próprio do dialeto paulista (“*chok-pré*” = *onça*).

⁶² “... o P. Frei Mansueto de Valfloriana, ao terminar o seu trienio como Superior e Vigario de Conceição de Monte Alegre, ofereceu-se ao P. Comissário para ir com dois outros companheiros, o P. Frei Vito de Martignano e o irmão leigo Frei Francisco de Terragnolo, passar uma temporada em Jatahy, a fim de estudar a lingua dos indios “*kainjgangs*”, ou “*coroados*”, que eram da mesma tribu dos coroados do Estado de S.Paulo. (...) Passando entre esses indios paranaenses quase um ano (de Outubro de 1911 a Junho de 1912), Frei Mansueto se habilitou a escrever o monumental trabalho que foi publicado pela Revista do Museu Paulista...”. (Taubaté & Primerio 1929:537-538).

⁶³ Originalmente publicada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (ver Taunay 1888).

3.17. VAL FLORIANA 1920

As primeiras 392 páginas do tomo XII da Revista do Museu Paulista, de 1920, são ocupadas pelos *Dicionários Kainjgang-Portuguez e Portuguez-Kainjgang*, de autoria do capuchinho Frei Mansueto Barcatta de Val Floriana, e foi composto com base em sua pesquisa junto aos Kaingang do Tibagi, no norte paranaense.

São 212 páginas Kaingang-Português (p.7-218), 85 páginas Português-Kaingang (p.221-305), acrescidas de 58 páginas de suplemento ao dicionário Kaingang-Português (p.309-366), outras 7 de suplemento à Gramática Kaingang (p.367-372) e ainda 4 páginas de notas de etimologia e vocabulário catequético (p.373-376). O resultado é realmente impressionante, tanto mais para a sua época: o dicionário de Val Floriana contém aproximadamente 3.500 entradas em Kaingang e mais de 1500 entradas em Português, ou seja, mais de 5 mil verbetes⁶⁵.

Há, é verdade, um certo número de verbetes que se resumem à entrada seguida de um termo de tradução, mas a grande parte do dicionário contém verbetes cuja entrada é seguida de um ou mais termos de ‘tradução’, acompanhados de um ou vários exemplos de uso em frases glosadas termo a termo. Há muitos verbetes que ocupam em torno de meia página, e há alguns casos excepcionais de verbetes que tomam mais de duas páginas, com 50 ou até 80 frases-exemplo glosadas (ver, por exemplo, “ag”, pgs. 8-10, ou “ix, ij”, pgs. 112-114). Eventualmente Val Floriana inclui esclarecimentos da pronúncia (ex., no verbete “ba: *carregar*”, pg. 17) e, com alguma frequência, compara seus dados com os trabalhos publicados do Visconde de Taunay e do Padre Chagas Lima (ambos, vocabulários de Guarapuava), de Telêmaco Borba (do Tibagi⁶⁶) e, principalmente, com o “Dicionário Frei Daniel”, dos Kaingang de São Paulo, do qual não se conhece o paradeiro⁶⁷. Dado o ineditismo do trabalho de Frei Daniel, são de particular interesse os verbetes que remetem a ele, ou seja, ao Kaingang de São Paulo (alguns bons exemplos são: “Kafá = *pulso*”, pg. 23; “Engréka = *tanga*”, pg. 87; “Líke = *depressa*”, pg. 131; “Moké = *garrucha*”, pg. 139; “Monkópo = *alâmpada*”, pg. 139; “Jaguatirica”, pg. 261; “Munheca”, pg. 272)⁶⁸.

⁶⁴ Correspondem às atuais localizações das áreas indígenas Icatu e Vanuíre, respectivamente.

⁶⁵ Somente na letra “K” – entre as pgs. 21 e 75 mais o apêndice – são mais de 700 entradas.

⁶⁶ Mas veja-se o que se diz sobre as fontes de Telêmaco em 2.5. Borba 1883.

⁶⁷ Frei Daniel de Santa Maria integrou o grupo de capuchinhos que, liderados por Frei Bernardino de Laval, buscou iniciar contatos e catequese com os “Coroados” das matas próximas de Campos Novos e Platina (SP) a partir de 1902. Segundo os historiadores capuchinhos, até 1907 não tiveram tido êxito em estabelecer contatos, uma vez que amparavam-se no maior inimigo dos índios naquela região, o “Coronel Sancho de Figueiredo” (Cf. Rezende de Taubaté & Motta de Primerio 1929:534-537). Frei Daniel de Santa Maria era de Trento, chegou ao Brasil em 1890, e veio a ser superior local nas casas dos capuchinhos em Piracicaba (1898-1899), São Paulo (1907-1911) e Taubaté (1919-1922).

⁶⁸ A melhor hipótese sobre a origem dos dados e do dicionário de Frei Daniel certamente é a que sugere sua permanência por cinco anos nas proximidades de Platina e das terras do Coronel Figueiredo. Provavelmente o

Val Florianiana incorpora informação gramatical em incontáveis verbetes, como por exemplo: “*DE MODO QUE: A proposição consecutiva se exprime em Kaingáng com um complemento causativo*” (segue-se o exemplo – pg. 270-271).

Não menos valiosas são as notas etnográficas, presentes em muitíssimas entradas. Tome-se, como exemplo, as que aparecem em: “Kui’nhé”, pg. 68 (sobre a cinta de embira para carregar criança às costas); “Gôioakupri”, no verbete “Gôio”, pg. 99 (sobre a cerveja de milho); “Jakuá tug téie”, pg. 117-118 (apelido dado pelos Kaingang do Tibagi aos Kaingang paulistas e do Rio Cinzas); “Mudar”, pg. 271 (sobre poligamia).

Sobre a notação de Val Florianiana, registre-se que frequentemente não distingue vogais abertas de vogais fechadas, como em: BEDN para [mbɛdn], BRE para [mbɛɾ], BENG para [mbɛŋ], etc. Para o registro da vogal alta posterior não-arredondada [i], em geral o capuchinho a grafa com “ü”, como em FÜIGH, para [fi] = *semente*; KOTÜ ou KUTÜGH para [kʉti] = *noite*; KÜXA para [kʉjã] = *lua*. Mas também aparece não tremado, sem que a errata corrija, como em KUDN para [kidn] = *tocar música* (pg. 67), UI’JE ou UÍJE para [wɨj] = *arco* (pg. 197 e 226), BU para [mbi] = *rabo* (pg. 20), etc. Para a vogal central média [ə], com frequência emprega a letra “Ö”, como em BUÖNGH para [mbəŋ], FUÖEK ou FUÖK para [fəŋ]. Por fim, não adota um princípio de registro morfológico, mas fonético, de modo que um mesmo termo ou morfema comparece em formas distintas. A preponderância fonética também é responsável pelo registro, como parte da palavra, de muitos apoios vocálicos, comuns no Kaingang para o “erre brando” (tepe) inicial: ARÊ para [rɛ] = *campo*, ARENGRÉ para [rɛŋgre] = *irmão*, e assim por diante. Vantagens do viés fonético são as pistas que dá sobre a língua no registro de empréstimos e termos estrangeiros, como “Fidenxio”, “xoldádo” (pg. 82) ou “Xinxá” para Rio Cinzas (pg. 129). A propósito, é interessante observar já, naquele dicionário, a presença de vários empréstimos hoje correntes no Kaingang, como “porko”, “kanôa”, “garin”, “kavarú” e “ninhéro”.

Há algumas etmologias duvidosas (como para DITXÚ, pg. 264), mas há valiosa informação toponímica Kaingang (como os nomes, na língua, para os rios Tietê, do Peixe, Aguapeí, Feio e Tibagi, entre outros).

Por tudo o que se destacou acima, esse é, sem dúvida, o principal documento da língua Kaingang na primeira metade do século XX.

3.18. MANISER 1930

Publicado postumamente, o trabalho do pesquisador russo Henry Henrikowitch Maniser, “*Les Kaingangs de Sao Paulo*” é a melhor etnografia sobre os Kaingang paulistas. Integrando a

vocabulário de Frei Daniel foi obtido junto a algum(s) índio(s) Kaingang paulista feito prisioneiro pela gente do

Expedição Russa à América do Sul, realizada nos anos de 1914 e 1915, Maniser conviveu por dois meses no aldeamento organizado pelo SPI para os Kaingang recém ‘contatados’⁶⁹.

O trabalho, divulgado por Strelnikov no 23º Congresso de Americanistas, em Nova York (1930), se ocupa apenas tangencialmente da língua, em uma passagem em que Maniser destaca diferenças do Kaingang em relação ao Botocudo (p. 789). Ainda assim, ao longo de suas páginas de relato etnográfico Maniser insere uma dúzia de nomes indígenas e cerca de 15 palavras Kaingang, em uma transcrição muito cuidadosa, cuja chave de pronúncia insere em nota de rodapé no início do texto (p. 764).⁷⁰

3.19. BALDUS 1935

Primeiro trabalho de Herbert Baldus sobre língua Kaingang, *Sprachproben des Kaingang von Palmas* reúne 250 termos colhidos por ele junto ao cacique Pedro Mendes, dos Kaingang de Palmas (Toldo das Lontras), área indígena do sudoeste paranaense (sobre a divisa com Santa Catarina), onde Baldus esteve em viagem de pesquisa nos meses de maio e junho de 1933.

O trabalho é precedido de informação sobre as publicações (e alguns inéditos) acerca da língua Kaingang e sobre sua pesquisa de campo. Segue-se uma chave de leitura de pronúncia, apresentando as vogais e consoantes e seus valores na forma de transcrição adotada (p.194). Na seqüência aparecem os 250 itens numerados, agrupados por temas, encerrando o trabalho com um pequeno texto de três orações e dois cantos (um para enterramentos e um para a festa do Kiki⁷¹).

3.20. OLIVEIRA 1936

O “*Vocabulário dos Índios Coroados*” é uma curiosa listagem publicada na Revista do Arquivo Municipal (São Paulo), em 1936, atribuída a José Joaquim Machado de Oliveira. Esse *Vocabulário* vem precedido de outro, *Vocabulário Elementar da Língua Geral Brasileira* (p.129ss), com assinatura do mesmo autor.

O Coronel José Joaquim Machado de Oliveira foi Diretor Geral dos Índios da Província de São Paulo em meados do século XIX, e é autor de uma *Notícia Raciocinada sobre as Aldeas de Índios da Província de São Paulo desde o seu começo até a atualidade*, publicada em 1846 (Revista do IHGB).

O “*Vocabulário dos Índios Coroados*” constitui-se de 73 termos, em uma notação bem

famigerado Coronel.

⁶⁹ A chamada ‘pacificação’ do primeiro grupo Kaingang do oeste paulista havia se realizado exatamente dois anos antes.

⁷⁰ Ver a publicação desse trabalho, em livro, no Brasil, pela Editora Curt Nimuendajú (2006).

⁷¹ Baldus a denominou *Culto aos Mortos*, em importante trabalho publicado em 1937.

pouco rigorosa, embora grande parte dos seus problemas seguramente advém da passagem do manuscrito para a forma impressa, por dificuldades de compreensão dos originais. É o que se deduz de registros como “*Ruhen*” para *lua*, quando se pode concluir que o manuscrito trazia a forma *Cuchen*; “*Erin*” para *estrelas*, quando o original seguramente registrava *crin*⁷², ou “*Cofu*” para *velho*, para o esperado *Cofa*, e “*Hipui*” para um provável “*Hi – pai*”.⁷³

Em todo caso, há muitos termos indiscutivelmente Kaingang (comparando-se com dialetos atuais), como “*goiô*” = *água*; “*Banc*” = *grande*; “*hicoxin*” = *minha família, meus filhos*; etc. E vários, seguramente distorcidos por mau registro ou má oitiva, como “*Paketen – trazer*”, onde o esperado é [mbakẽ'tĩn] (ou [mbakõ'tĩn]), o que poderia ter sido registrado como *Bakẽtẽn*.

Mas há, também, muitos termos estranhos, como “*Adjoguai – pouco*”, “*Iraga' – anus*” ou “*Hijeren – minha mulher*”⁷⁴. Em alguns casos, é provável ou possível a origem em outra língua, não sendo possível justificar a divergência com o Kaingang atual por transposição errada dos originais. É o caso de termos como “*Icutê – anta*” e “*Icovaro – pássaro*”.

As muitas falhas justificam-se pela transposição de um original manuscrito antigo (do século XIX), feita um século depois, por alguém certamente sem informação da língua indígena (e, possivelmente, também sem o preparo para esse tipo de leitura documental). Somando-se a isso a atribuída autoria a José Joaquim Machado de Oliveira, com todas as suas deficiências o documento pode ser usado – com os devidos (muitos) cuidados – como evidência de elementos de um Kaingang ‘antigo’.

3.21. PIZA 1938

Fazendeiro da região oeste paulista, por onde o café avançou na primeira década do século XX, atrás da ferrovia, tomando a terra dos índios, Marcelo Piza publicou suas “*Notas sobre os Caingangs*” como uma informação etnográfica, em 1938, vinte anos depois de seus primeiros contatos com aqueles Kaingang⁷⁵.

Para o conhecimento da língua Kaingang interessam apenas as cerca de três dezenas de termos indígenas que Piza insere no texto, sempre entre parênteses. O mais curioso (diferente)

⁷² Essa observação só estará correta se o ordenamento alfabético (por entrada em língua indígena) tiver sido responsabilidade dos publicadores, não estando organizado assim no documento original. Isso porque “*Ruhen*” está na letra **R** e “*Erin*” está na letra **E**.

⁷³ É fácil deduzir que o prefixo pronominal de 1ª pessoa singular, “*inh*” na atual ortografia Kaingang, corresponda ao “**HI**” do vocabulário em questão (que aparece, por exemplo, em “*minha mulher*”, (minha) “*filha*”, “*minha família, meus filhos*”).

⁷⁴ No caso de *Hijeren*, para ‘minha mulher’, também é possível que a causa seja não compreensão do original manuscrito, que poderia conter a forma *Hipron*, correspondendo a *inh prũ*. Para ‘ânus’ há ainda uma segunda versão no mesmo vocabulário: “*Daike*”.

⁷⁵ Cf. Piza 1938:208.

deles é “*pé-vin-tchin*” para “tanga” (p.200).

3.22. SCHADEN 1938

“*Denominações Caingang na Geografia Brasileira*” apareceu na Revista do Arquivo Municipal em 1938, com a simples assinatura de E.S. Pela publicação, em 1940, de *Aditamentos* àquele artigo, sabemos tratar-se de trabalho de Francisco Serafim Guilherme Schaden (pai do antropólogo Egon Schaden), que também chegou a realizar pesquisas de campo entre índios em Santa Catarina.

Nesse trabalho, Francisco Schaden apoiou-se aparentemente apenas em documentação publicada, e no seu conhecimento de geografia do Sul do Brasil, identificando cerca de 30 termos Kaingang que correspondem a cerca de 40 lugares da geografia do Brasil meridional. Para metade daqueles topônimos, Schaden apresenta uma etimologia.

Da listagem de 30 termos será preciso retirar ao menos dois, que Schaden atribuiu aos Kaingang por nomearem aldeias dessa etnia, mas que eram nomes conhecidos na geografia brasileira desde o século XVI, e têm sua origem nas populações Guarani das missões: Guarita e Inhacorá (p.27).

3.23. RONDON 1938

O Major Frederico Rondon, em viagem pelo Rio Grande do Sul, teve ocasião de encontrar-se, em Palmeira das Missões, com o então chefe dos Kaingang de Guarita, o índio Geraldino Mineiro (que adotava o posto de Coronel). Com ele estavam dois auxiliares (seu Tenente-Coronel e seu Capitão) e os três forneceram a Rondon um pequeno vocabulário (de Guarita), publicado em seu livro *Pelo Brasil Central* (p.85-90). São 41 palavras, cuja transcrição é tolerável. Deve-se tomar a letra “h” isolada – isto é, quando não precedida de “n” – como representação da oclusiva glotal, e o “c” parece representar a fricativa alveo-palatal surda (ʃ) com uma pronúncia mais ‘suave’. Por fim, para o lugar da nasal velar (ŋ), provavelmente por dificuldade de discriminá-la em posição inicial de sílaba, Rondon registra sempre um “nh”, como em “*nhací*” para *galinha*, onde os Kaingang atuais dizem *ngarĩn* (ortogr.: *garĩnh*)⁷⁶.

Registre-se ao menos uma curiosidade, qual seja, um termo inusitado para referir-se a *cavalo*: “*gron-gron*”.

3.24. SCHADEN 1940

Na mesma linha do “*Denominações Caingang na Geografia Brasileira*”, em 1940

⁷⁶ Resulta que o termo *ngĩr xĩ* (ortogr.: *gĩr sĩ*) aparece grafado como “*nherci*”.

Francisco S.G. Schaden publica “*Aditamentos a um estudo sobre Toponímia Kaingang*”, na mesma *Revista do Arquivo Municipal* (vol. LXVII). Acrescenta mais de 15 novos termos Kaingang para cerca de 20 indicações geográficas, e apresenta explicações etimológicas para uma dezena deles.

3.25. GUÉRIOS 1942

Rosário Farani Mansur Guérios foi lingüista, professor no Colégio Paranaense (depois, Colégio Estadual do Paraná) e na Universidade Federal do Paraná. Em junho de 1941 participou de uma viagem de pesquisa promovida pelo Museu Paranaense (sob direção de Loureiro Fernandes), na qual teve oportunidade de pesquisar diretamente a língua⁷⁷, tendo contado com o auxílio do índio Messias Francisco da Silva *Krédiö*.

O artigo que daí resultou intitulou-se “*Estudos sobre a língua Caingangue. Notas Histórico-Comparativas (Dialeto de Palmas - Dialeto de Tibagi). Paraná*”, e foi publicado nos *Arquivos do Museu Paranaense* (II, p.97-177). Nele, Guérios faz efetivamente um estudo comparativo de dialetos, utilizando os trabalhos publicados por Val Floriana como fonte de dados sobre o dialeto do Tibagi.

Sua perspectiva teórica é do comparativismo, e (sobretudo no que tange à fonética) segue os ensinamentos do italiano Alfredo Trombetti. Daí que suas etimologias apelem a raízes polinésicas, dravídicas, australianas, chinesas, latinas, árabes, etc. Apesar disso, algumas de suas interpretações sobre mudanças fonéticas (no fundo, do sistema fonológico) são bastante plausíveis e interessantes, e sua transcrição busca ser cuidadosa, em alguns casos chegando a detalhes fonéticos em geral desconsiderados no registro do Kaingang (como, por exemplo, a força de emissão de obstruintes surdas, que o leva a concluir que “*como no árabe, o caingangue de Palmas possui fonemas enfáticos*”, que representa como consoantes geminadas: ff, tt, pp, etc.⁷⁸). Inclui interessantes análises de vários aspectos da morfologia e da sintaxe, apresentando muitos exemplos de orações e períodos maiores: ao todo, entre as páginas 129 e 150 (nas quais trata mais propriamente da sintaxe), contam-se perto de 700 (setecentas !) frases em Kaingang, glosadas termo a termo, ao longo do texto.

O trabalho se completa com um vocabulário de aproximadamente 700 palavras, em ordem alfabética (p.155-177).

⁷⁷ Antes disso, Guérios já fizera publicar um artigo de cunho comparativista-especulativo (usando dados publicados por outros autores), com o sugestivo título: “*De algumas raízes asiáticas no caingangue*” (*Gazeta do Povo*, 06.04.1928).

⁷⁸ Guérios 1942:107.

3.26. CHAGAS LIMA [1821] 1943

Além da “*Memória sobre o descobrimento e colônia de Guarapuava*”, escrito em 1827 e publicado em 1842, o capelão da Real Expedição de conquista de Guarapuava, Padre Francisco das Chagas Lima, escreveu outro importante trabalho, que permaneceu inédito por mais de um século: um relatório datado de dezembro de 1821, intitulado “*Estado actual da conquista de Guarapuava no fim do anno de 1821*”, publicado em apêndice ao livro de Arthur Martins Franco: *Diogo Pinto e a Conquista de Guarapuava*, em 1943⁷⁹.

A relevância desse trabalho, para o conhecimento da língua Kaingang, está na profusão de nomes próprios indígenas que ele contém. Às páginas 249 a 257, o “*Vigário Collado da Feguezia de N. Snr^a de Belem em Guarapuava*”, Padre Chagas Lima, anexou relação de todas as famílias de “*Índios de Guarapuava batizados e existentes na Aldea da Atalaya em em terras de Christaons*”, dos “*Índios batizados, existentes nos Campos gerais e villa de Corytyba a título de educação, ou de ajustes (sic)*”, dos “*Catechumenos existentes na Aldea da Atalaya*”, dos órfãos menores e demais “*innocentes*” e, ainda, dos “*Índios batizados que se achão entre os Infieis, dispersos pelos Certoens*” e seus respectivos “*innocentes*”. Para todos a relação apresenta os nomes completos, que no geral são um nome português seguido de um nome Kaingang, mas há casos de filhos “menores” e “inocentes” sem nome indígena, sempre que o pai é português (três casamentos de branco com índia).

Ao todo, as referidas relações contêm cerca de 130 nomes Kaingang, sendo que pouco mais de 20 deles comparecem também ao longo do texto do relatório, ao lado de outra dezena e meia de nomes que aparece apenas no texto.

3.27. GUÉRIOS 1945

Publicado nos *Arquivos do Museu Paranaense*, o artigo “*O Xokrén é idioma Caingangue*”, de Mansur Guérios (1945) apresenta um cuidadoso cotejo de aproximadamente 70 itens lexicais, usando, para o Kaingang, principalmente os registros de Taunay (1888), Val Floriana (1920), Ostlender (1914) e do próprio Guérios (1942), e para o Xokleng os dados de Paula (1924)⁸⁰ e Simões da Silva (1930)⁸¹, para o Xokleng.

A comparação é importante para demonstrar a tese da íntima relação lingüística entre

⁷⁹ Curitiba: Museu Paranaense. O apêndice contendo o relatório de Chagas Lima ocupa as páginas 233 a 268.

⁸⁰ José Maria de Paula. “Memória sobre os Botocudos do Paraná e Santa Catarina”. *Anais do XX Congresso Internacional de Americanistas*. Rio de Janeiro, 1924, vol. I, p.117-137. Guérios informa ter cotejado as formas que aí aparecem com as que se vêem em um Relatório do Posto do Plate, de 1915, a cujos originais teve acesso.

⁸¹ Antonio Carlos Simões da Silva. *A tribu Caingang (índios bugres-botocudos)*. Rio de Janeiro: Oficinas Alba Gráficas, 1930.

Kaingang e Xokleng, e fortalece algumas das hipóteses das mudanças fonéticas ocorridas na língua.

3.28. BALDUS 1947

Como resultado de suas novas pesquisas de campo entre os Kaingang do Paraná, desta vez na área do Ivaí (maio-junho 1946), Baldus publicou um importante “*Vocabulário Zoológico Kaingang*”. São 186 itens numerados, com o termo Kaingang seguido da tradução em Português, do nome científico e da informação (indígena) se é comestível ou não. Os termos estão organizados segundo a classificação: *Mamíferos* (44 itens), *Aves* (52 itens), *Répteis* (16 itens), *Peixes* (18 itens), *Crustáceos* (um), *Aracnóides* (5 itens), *Miriápodes* (2), *Insetos* (48 itens).

A lista é precedida de uma chave de leitura da pronúncia das letras adotadas.

3.29. HANKE 1947

Wanda Hanke teve contato com diversas áreas indígenas no Sul do Brasil, publicando vários trabalhos sobre Kaingang e Xokleng. O “*Vocabulario del dialecto Caigangue de la Serra do Chagú, Paraná*”, publicado pelo Museu Paranaense em 1947, é resultado de visita da pesquisadora, em 1940, à aldeia do Chagu, no antigo Campo das Larangeiras, na área atualmente conhecida por Rio das Cobras (Sudoeste do Paraná).

O vocabulário agrupa, por temas e por classe de palavras, cerca de 180 itens lexicais, acrescidos de uma dúzia de frases. Existe uma chave de leitura de pronúncia preparada pela própria Wanda Hanke, com algumas adaptações exigidas pelo uso tipográfico, feitas por Mansur Guérios, então *Assistente de Lingüística do Museu Paranaense*⁸². Trata-se de uma transcrição cuidadosa e, no geral, de boa qualidade, a ponto de não se ter certeza se, em algumas passagens, certos ‘desvios’ (ou formas inesperadas) não se devam à transposição dos originais para a forma tipográfica (por exemplo, “*nán*” para *bambu*, que poderia ser *uán*; “*taktó*” para *três*, que poderia ser *taktō*). Mas há prováveis erros de percepção, como “*ngã (nasal)*” para *terra*, quando o esperado é *nga* (ortogr.: *ga*), em que a nasalidade é da consoante inicial, mas não se espalha para a vogal, que é oral.

Encontram-se, no entanto, registros valiosos, porque incomuns ou únicos, como “*peini(e)*” para “galinha” (*gallina*), “*Kombimbi-y’m*” para “cavalo” (*caballo*)⁸³, e “*tovê*” para *caramelo*.

⁸² Na página inicial do artigo há uma nota de Guérios remetendo às chaves de pronúncia apresentadas no início de artigo anterior (p.61-63), da mesma autora, publicado no mesmo volume dos *Arquivos do Museu Paranaense*, versando sobre o Xokleng de Santa Catarina.

3.30. NIMUENDAJÚ & GUÉRIOS 1948

O lingüista paranaense, Rosário Farani Mansur Guérios, manteve por alguns anos correspondência com o etnógrafo Curt Nimuendaju, até o ano de sua morte,. Considerando que as cartas continham material de interesse para outros lingüistas e para estudiosos ou interessados no Kaingang, Guérios publicou-as em 1948, sob o título de “*Cartas Etno-Lingüísticas*”. Nelas há, por exemplo, troca de opiniões acerca da hipótese de Guérios, da passagem de $p > f$ no Kaingang e das relações Kaingang-Xokleng. As cartas tratam também, naturalmente, de outras línguas indígenas e questões lingüísticas relacionadas a elas, com destaque para o Botocudo (MG).

Mas a principal contribuição à documentação do Kaingang, presente nas cartas de Nimuendajú publicadas por Guérios, é um vocabulário “*Kaingang - Yakwä(n) Dagtéye*”, levantado por ele “*com a índia Mariana, do Rio do Peixe, na Fazenda Mattão, do Crl. Sanches Figueiredo, perto de Platina*⁸⁴, em 1909” (p. 221). Trata-se de um vocabulário com 232 itens lexicais e 34 pequenas orações, em muito boa transcrição, e com muitos elementos importantes do ponto de vista histórico e cultural (por exemplo, os nomes dados a diferentes grupos Kaingang). Em carta posterior, de Nimuendaju, o mesmo vocabulário foi motivo de esclarecimentos, que tratavam das diferenças dialetais entre os Kaingang do Tibagi e os de São Paulo. Tratando do vocabulário em questão, Nimuendaju adverte Guérios de que “*em muitos sentidos elle NÃO representa bem o dialecto proprio de São Paulo*” (p.228), e aponta as diferenças fonéticas de que ainda se lembrava, trinta anos depois dos contatos diretos com aquela língua. A explicação, para Nimuendaju, estaria no fato de que a índia com quem tomara aquelas notas havia sido capturada pelo fazendeiro “*Coronel Sanches Figueiredo*”, ao qual depois se agregou um grupo Kaingang emigrado do Tibagi (S. Pedro de Alcântara), o que levou aquela índia à convivência cotidiana com outro dialeto (cf. p. 228)⁸⁵.

Guérios também incluiu na publicação uma troca (única) de correspondência entre Aryon Dall’Igna Rodrigues (então aluno do curso de Letras Clássicas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná) e Curt Nimuendaju, com o detalhe de que a resposta de Nimuendajú leva a data de 7 de dezembro de 1945, três dias antes de sua morte numa aldeia Tükuna, no Amazonas.⁸⁶

⁸³ Seguramente, [kõbem mbəgŋ] = “veado grande”.

⁸⁴ Platina fica pouco a oeste de Campos Novos Paulistas.

⁸⁵ Foi na mesma região, talvez até com a mesma pessoa, que o capuchinho Frei Daniel de Santa Maria terá obtido dados, entre 1902 e 1907, para compor seu dicionário do Kaingang paulista (mencionado acima, em 3.15).

⁸⁶ Cf. Nimuendajú & Guérios 1948:209 e 241.

3.31.HANKE 1950

Resultado de pesquisa entre os Kaingang do Posto Indígena Apucarana⁸⁷, entre fins de 1947 e início de 1948, Wanda Hanke produziu e publicou o “*Ensayo de una gramática del idioma Caingangue de los Cainganges de la ‘Serra de Apucarana’, Paraná, Brasil*”.

Depois de uma informação etnológica e das condições da pesquisa inicia-se a gramática propriamente, pelo “*Alfabeto*”, em que se dá uma descrição fonética bastante acurada dos sons e da representação adotada. Não deixa de conter algum equívoco de interpretação, como dizer que “*hasta cierto punto reina el libre albedrío, costumbre indígena muy común entre las tribus de Sudamérica.*” (p. 78), o que ela exemplifica com diferenças nos dados ouvidos de dois falantes: “*piri*” e “*umpiri*” para *um*, “*rengré*” e “*unlegerli*” para *dois*, etc⁸⁸. A transcrição, apesar disso, em geral bastante boa, como se pode concluir de registros como, por exemplo: “*ignmbré tingni*” para [iɣnmbɾɛ tɪŋnĩ] (ortogr.: *inh mré t̃g ñi*).

Seguem-se os tópicos sobre “*declinación*”, que inclui esclarecimentos sobre marcas de posse e de plural (p.79-87) e “*conjugación*” (p.87-123). Completa a gramática um “*Vocabulario Sistemático*” (p.124-135), organizado por classes de palavras: *SUBSTANTIVOS* (sendo: *a) nombres propios; b) grados de parentesco; c) personas, profesiones... de procedencia o de uso humano; d) partes del cuerpo humano; e) Dios, cielo y naturaleza; f) animales y qué les corresponde; g) plantas y qué les corresponde; h) substantivos abstractos*), *ADJETIVOS Y NUMERALES*, *ADVERBIOS* (sendo: *a) del tiempo; b) del lugar; c) del modo*), *INTERJECCIONES*, *TEXTOS Y NOTAS GENERALES*.

Ao todo, passam de 300 palavras, onde não poderiam deixar de ocorrer registros inusitados, como “*galinglé*” (lit. *galinha macho*), para ‘*galo*’, ao lado de “*galoprón*” (lit. *esposa do galo*) para ‘*galinha*’. Inclui-se também uma lista de pouco mais de três dezenas de nomes próprios, distinguindo masculinos e femininos.

3.32. Outros vocabulários do período:

3.32.a) NIMUENDAJÚ [1913] 1993

Pequenos vocabulários colhidos dos Kaingang de São Paulo, publicados em uma coletânea de inéditos, em 1993. São 65 itens (16 são partes do corpo humano) apresentados em dois vocabulários comparativos: 54 comparados com Xokleng (*Botocudo Aweikoma*) e 11

⁸⁷ Na confluência dos rios Apucarana e Apucarantina com o Tibagi, norte do Paraná.

⁸⁸ Além do fato dos falantes estarem dizendo coisas até certo ponto diferentes (*pir* = “um”; *ũpir* = “um, de alguma coisa”), o falante Paulino (diferente da falante Rosa, a outra informante de Hanke) é apresentado como alguém que desde muito criança viveu em muito contato com os não-índios, tendo chegado a trabalhar na ‘pacificação’ dos

comparados com *Caiapó do Araguaia* (p.77-79).

Conclusão

Nesse trabalho informei (sobre) e avaliei mais de 45 trabalhos com dados da língua Kaingang, aparecidas durante o “primeiro século” de seu registro, contado a partir da publicação do Padre Chagas Lima em 1842. Descontados alguns documentos com número reduzido de dados, ainda assim obtém-se uma quantidade significativa de trabalhos que trazem informação lingüística de bastante interesse para o estudo histórico e atual do Kaingang.

Por curioso, destaco que nesse conjunto de registros encontramos formas variantes para o empréstimo da palavra portuguesa “cavalo” (já no século XIX), ao lado de três neologismos indígenas (um registrado no século XIX e dois no século XX):

| | | |
|-------------------|----------------|---------|
| Chagas Lima 1842 | <i>queveru</i> | (PR) |
| Hégréville 1857 | <i>cavarú</i> | (PR-SC) |
| Pe Gay (séc. XIX) | <i>cavarú</i> | (RS) |

Neologismos:

| | | |
|--------------------|---------------------|--------------------|
| Saint-Hilaire 1851 | <i>mingbagare</i> | (SP) |
| Rondon 1938 | <i>gron-gron</i> | (RS) |
| Hanke 1947 | <i>Kombimbi-y'm</i> | (Kombê mbagn) (PR) |

Também se registram dois neologismos para “boi”: *queveru-nica* (em Chagas Lima 1842) e *Kambigbugne* (em Dulley 1903).

A riqueza dos documentos aqui resenhados, no entanto, não se resume a isso. Por esse motivo, o que o presente trabalho pretendeu – além de reunir e sistematizar a informação das fontes sobre a língua Kaingang entre a metade do século XIX e a metade do século XX – foi: caracterizar cada documento da melhor forma a permitir que os pesquisadores interessados possam avaliar, pelo que aqui está dito, aquilo que cada documento pode ter (ou não) de interesse para seu trabalho ou sua pesquisa em particular.

Essa ferramenta de pesquisa será ampliada, com a inclusão futura da documentação sobre a língua Kaingang a partir de 1950, e com possíveis aperfeiçoamentos no que já divulgamos aqui.

Wilmar da Rocha D'Angelis

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, Lucien. Le parler des Caingangs. *Actes du Congrès International des Américanistes, XII session (1900)*. Paris: Ernest Leroux, 1902, p. 317-330.
- AMBROSETTI, Juan Bautista. Los índios Kaingángues de San Pedro (Misiones). *Revista del Jardín Zoológico de Buenos Aires*, 1894, vol. 2, (10-12):305-387.
- _____. Materiales para el estudio de las lenguas del grupo Kaingángue (Alto Paraná). *Boletín de la Academia Nacional de Ciencias de Córdoba*, 1896, 14:331-383.
- BALDUS, Herbert. 1935
- _____. *Bibliografía Crítica da Etnologia Brasileira*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.
- _____. Vocabulário zoológico Kaingang. *Arquivos do Museu Paranaense*. Curitiba, 1947, vol. 6:149-160.
- BARROS, Edmundo. Vocabulário Kaingángue (Coroado) del Pikiry (ao Norte del Guayra). In J.B. Ambrosetti. Los índios Kaingángues de San Pedro (Misiones). *Revista del Jardín Zoológico de Buenos Aires*, 1894, vol. 2, (12):384-387.
- BECKER, Ítala I. B. O índio Kaingáng no Rio Grande do Sul. *Pesquisas – Antropologia* n. 29. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1976.
- BORBA, Telêmaco M. Breve notícia sobre os índios Caingangs, acompanhada de um pequeno vocabulário da língua dos mesmos indígenas e da dos Cayguás e Chavantes. *Revista Mensal da Secção da Sociedade de Geographia de Lisboa*. Rio de Janeiro, 1883, n. 2:20-36.
- _____. Pequeno vocabulário das linguas portuguesa e Caingangs ou Coroados. *Almanach do Paraná*. Curitiba, 1903.
- _____. *Atualidade Indígena*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1908.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Alguns radicais Jê*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1959.
- CHEVALIER, Frederico. Vocabulário dos Índios Bugres de Nonoai. In Hemetério J.V. da Silveira, *As Missões Orientaes e seus antigos domínios*. Porto Alegre: Livraria Universal de Carlos Echenique, 1909 (2ª ed. facsímile: Porto Alegre: ERUS, 1979), p. 345-350.
- CLEVE, Luiz Daniel. O Paraná indígena. Vocabulário. *Almanach Paranaense*. Curitiba, 1897.
- D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. *Revisão Bibliográfica sobre Fonologia Kaingang*. Campinas, IEL-UNICAMP, 1982. Monografia inédita, 83p. Cópia arquivada e disponível para consulta no CEDAE-IEL-Unicamp.
- _____. Gênero em Kaingáng? In L. dos Santos e I. Pontes (Orgs.), *Línguas Jê: estudos vários*. Londrina: Ed. UEL, 2002, p. 215-242.
- D'ANGELIS, Wilmar R.; CUNHA, Carla M.; RODRIGUES, Aryon D. (Orgs.) *Bibliografia das Línguas Macro-Jê*. Campinas: DL-IEL-Unicamp, 2002.
- DULLEY, Charles J. Vocabulario dos indios Coroados. *Revista do Centro de Ciencias, Letras e Artes*. Campinas, 1903, ano II, n. 4:230-233.
- FRANCO, Arthur Martins. O Padre Francisco das Chagas Lima. *Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes*. Curitiba, 1938, t. I, n. 5, p. 457-462.
- GAY, João Pedro. *Petit Vocabulaire de la Langue des Bougres Couronnés*. Manuscrito original sob guarda do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Rio de Janeiro), sob código: DL 1116.6.
- GONÇAVES, João Antonio. Vocabulário Caingang do Rio Feio. In Affonso A. de Freitas: *Os Guayanás de Piratininga*. *Revista do Instituto Histórico e Geographico de São Paulo*. São Paulo, 1908, vol. XIII, p.359-395. Edição em livro – São Paulo: Typ. Laemmert & C., 1910 (*Vocabulário Comparado*, às p.41-59).
- GUÉRIOS, Rosário F. Mansur. Estudos sobre a língua Caingangue: notas histórico-comparativas: dialeto de Palmas e dialeto de Tibagi, Paraná. *Arquivos do Museu Paranaense*. Curitiba, 1942, vol. 2:97-177.
- _____. O Xokrén é idioma Caingangue. *Arquivos do Museu Paranaense*. Curitiba, 1945, vol. 4:321-331.
- HANKE, Wanda. Vocabulario del dialecto Caingangue de la Serra do Chagú, Paraná. *Arquivos do Museu Paranaense*. Curitiba, 1947, vol. 6:99-106.
- _____. Ensayo de una gramática del idioma Caingangue de los Caingangues de la 'Serra de Apucarana', Paraná, Brasil. *Arquivos do Museu Paranaense*. Curitiba, 1950, vol. 7:65-146.

- HÈGRÈVILLE, Frederico. Relatório do engenheiro Hègrèville sobre a estrada de Palmas a Missões. (Ofício do Eng. Frederico Hègrèville ao Dr. José Antonio Vaz de Carvalhaes, Vice-Presidente da Província do Paraná. Palmas, 9 de julho de 1857). *O Dezenove de Dezembro*. Curitiba, 21/10 (p.3), 24/10 (p. 3-4), 28/10 (p. 2-3), 31/10 (p.2-3), 4/11 (p.3-4), n° 51-55.
- HENRY, Jules. *Jungle people. A Kaingáng tribe of the highlands of Brazil*. New York: J.J. Augustin Publisher, 1941 (2a. ed.: New York: Vintage Books, 1964).
- HENSEL, Reinhold. Die Coroados der Brasilianischen Provinz Rio Grande do Sul. *Zeitschrift für Ethnologie*. Berlin, 1869, vol 1:124-135.
- IHERING, Hermann von. A Anthropologia no Estado de São Paulo. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, 1907, vol. 7:202-257.
- KELLER, Franz. Noções sobre os indígenas da Província do Paraná –1867. *Boletim do Museu do Índio - Antropologia*. Rio de Janeiro, 1974, n. 1:9-29.
- LEÃO, Ermelino Agostinho de. Subsídios para o estudo dos Caingangues do Paraná. Curitiba, s.e. 1910. Republicado na *Revista do Inst. Histórico e Geográfico de São Paulo*, 1912, vol. 15:221-252
- LIMA, Francisco das Chagas. Memória sobre o descobrimento e colonia de Guarapuava. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, t. IV, n. 13, 1842, p. 43-64.
- _____. Estado actual da conquista de Guarapuava no fim do ano de 1821. In A.M. Franco, *Diogo Pinto e a conquista de Guarapuava*. Curitiba: Museu Paranaense, 1943, p. 233-268.
- MANISER, Henry Henrikowitch. Les Kaingangs de São Paulo. *23th International Congress of Americanists* (1928). New York, 1930, p. 760-791.
- MARTINEZ, Benigno. Os Índios Guayanãs. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, 1904, vol. 6:45-52.
- MARTIUS, Carl Friedrich P. von. *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens – II: Wörtersammlung Brasilianischer Sprachen. Glossaria Linguarum Brasiliensium*. Leipzig: Friedrich Fleischer, 1867, p. 212-214.
- MONTOYA, Antonio Ruiz de. Carta ânua do Padre Antonio Ruiz, Superior da Missão do Guairá, dirigida em 1628 ao Padre Nicolau Duran, Provincial da Companhia de Jesus. In *Manuscritos da Coleção De Angelis, Vol I.: Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1594-1640)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951, p. 259-298.
- _____. Relação da origem e estado atual das reduções de los Angeles, Jesus Maria e Conceição dos Gualachos. 1630. In *Manuscritos da Coleção De Angelis, Vol I.: Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1594-1640)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951, p.342-351.
- NIMUENDAJÚ, Curt. *Etnografia e indigenismo: sobre os Kaingang, os Ofaié-Xavante e os índios do Pará*. [1913]. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993.
- NIMUENDAJÚ, C. & GUÉRIOS, R.F.M. Cartas Etnolingüísticas. *Revista do Museu Paulista – nova série*. São Paulo, 1948, vol. 2:207-241.
- NOELLI, Francisco Silva; SILVA, Fabíola Andréa; VEIGA, Juracilda; TOMMASINO, Kimiye; MOTA, Lúcio Tadeu; D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. *Bibliografia Kaingang: referências sobre um povo Jê do Sul do Brasil*. Londrina: Ed. UEL, 1998
- OLIVEIRA, José Joaquim Machado de. Vocabulário dos Índios Coroados. *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo, 1936, vol. 25:172-174.
- OSTLENDER, Humberto. *Dicionário da língua dos índios Coroados*. Manuscrito sob a guarda do Instituto Anthrops do Brasil. [1914], 52 pp.
- PIZA, Marcelo. Notas sobre os Caingangos. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. São Paulo, 1938, vol. 35:199-209.
- QUADROS, Francisco R. Ewerton. Memoria sobre os trabalhos de observação e exploração efetuada pela segunda secção da comissão militar encarregada da linha telegráfica de Uberaba a Cuiabá, de fevereiro a junho de 1889. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 1892, vol. 55, (1):233-260.
- RONDON, Frederico. Populações indígenas do Rio Grande do Sul entre 1927-1930 [1938]. In D. Laytano, *Populações Indígenas – estudo histórico de suas condições atuais no Rio Grande do Sul*. *Revista do Museu Julio de Castilhos e Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, 1957, vol 8:52-54.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à Província de São Paulo*. Trad. Regina R. Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1978 [1ª. ed. francesa: 1851].
- SCHADEN, Francisco. Denominações Caingang na geografia brasileira. *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo, 1938, vol 43:23-30.

